



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História**



LUIS MIGUEL PEREIRA LACERDA

**AS DIVINDADES NA LEGITIMIDADE DO PODER DO *PRINCEPS*
AUGUSTO (27 AC- 14DC): UM ESTUDO A PARTIR DO ACERVO
DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**

16 de junho de 2023
CAMPO GRANDE/MS



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**Faculdade de Ciências Humanas
Licenciatura em História**

LUIS MIGUEL PEREIRA LACERDA

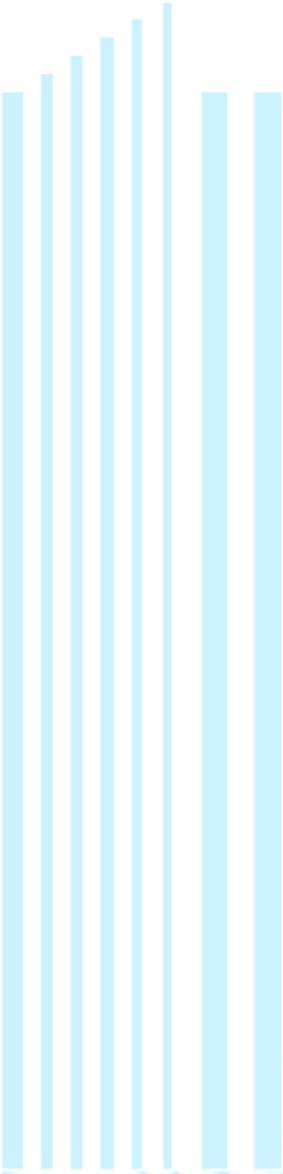
**AS DIVINDADES NA LEGITIMIDADE DO PODER DO *PRINCEPS*
AUGUSTO (27 AC- 14DC): UM ESTUDO A PARTIR DO ACERVO
DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Monografia, apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado no Curso de História da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Professor Orientador: **Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos UFMS / FACH**

16 de junho de 2023
CAMPO GRANDE/MS

BANCA



Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos – Orientador

UFMS

Museóloga Ma. Paula de Jesus Moura Aranha – Membro Titular

Museu Histórico Nacional

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan – Membro Titular

UNIFAL

Prof. Dr. Cleverson Rodrigues da Silva – Membro Titular

UFMS



AGRADECIMENTOS

É com imensa gratidão e reverência que escrevo estes agradecimentos. Muitas pessoas me guiaram, inspiraram e apoiaram ao longo dessa jornada. Gostaria, em primeiro lugar, de expressar minha profunda gratidão ao meu orientador, professor Carlos Eduardo da Costa Campos. O seu conhecimento, paciência e orientação inestimáveis foram fundamentais para a minha formação. Aprender e trabalhar sob sua tutela foi uma experiência incrivelmente enriquecedora.

Os meus sinceros agradecimentos à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Esta instituição me proporcionou uma excelente formação e espaço para expandir meus horizontes, explorar novas áreas e crescer como pessoa. Não posso deixar de mencionar a CNPq, cujo apoio científico foi fundamental em minha trajetória acadêmica. Aos meus professores o meu sincero agradecimento.

À equipe do laboratório de pesquisa ATRIVM, muito obrigado. A camaradagem, colaboração e apoio inestimáveis de todos os membros foram cruciais para tornar minha experiência na pesquisa gratificante e produtiva. Cada um de vocês contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ademais, expresso a minha gratidão à minha família. Aos meus irmãos, que sempre me encorajaram e acreditaram em minha capacidade. Ao meu pai, cuja sabedoria e apoio foram fundamentais. E, acima de tudo, minha mãe, Luíza Maura Pereira da Silva, minha maior incentivadora. A sua confiança e carinho me ajudaram a manter meus objetivos e seguir em frente. Também sou grato à minha namorada, Larissa Gravinese Salomão. O seu amor, apoio e compreensão foram vitais na construção dessa jornada, ao meu lado em todos os momentos.

Aos pesquisadores que são membros da banca de TCC pelas análises e contribuições para a minha formação como profissional.

A todos vocês, minha mais sincera gratidão. Vocês fazem parte dessa conquista. Sem vocês, eu não estaria onde estou hoje.

RESUMO

AS DIVINDADES NA LEGITIMIDADE DO PODER DO *PRINCEPS* AUGUSTO (27 AC- 14DC): UM ESTUDO A PARTIR DO ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a coleção de numismática romana do Museu Histórico Nacional. Nesse contexto, a investigação busca explorar o uso das moedas romanas como fonte histórica, refletindo sobre sua importância no ensino e na pesquisa. O foco é na numismática romana, estudando as moedas produzidas durante o Império Romano. Em nosso estudo, buscamos publicações e pesquisas relevantes nessa área, fornecendo base para novas interpretações sobre a circulação de riquezas, ideias, práticas culturais e poder em Roma. Além disso, são apresentados estudos brasileiros que abordam a numismática antiga com base no acervo do Museu Histórico Nacional, explorando temas como o poder político representado nas moedas do Império Romano e a relação entre religião e política nas moedas republicanas. O objetivo final é democratizar o conhecimento sobre a sociedade romana, gerar recursos para o ensino e a pesquisa, e analisar o acervo do MHN por meio de um banco de dados para uma análise histórica das moedas romanas do período do *princeps* Augusto.

Palavras-chave: Museu Histórico Nacional; Divulgação Científica; Principado de Augusto; Numismática Romana.

ABSTRACT

THE DEITIES IN THE LEGITIMACY OF THE POWER OF PRINCEPS AUGUSTUS (27 BC-14 CE): A STUDY BASED ON THE COLLECTION OF THE MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

This research aims to analyze the collection of Roman numismatics at the Museu Histórico Nacional. In this context, the investigation seeks to explore the use of Roman coins as historical sources, reflecting on their significance in teaching and research. The focus is on Roman numismatics, studying the coins produced during the Roman Empire. In our study, we seek relevant publications and research in this field, providing a foundation for new interpretations of wealth circulation, ideas, cultural practices, and power in Rome. Additionally, we present Brazilian studies that address ancient numismatics based on the collection of the Museu Histórico Nacional, exploring topics such as political power represented in Roman Empire coins and the relationship between religion and politics in Republican coins. The ultimate goal is to democratize knowledge about Roman society, generate resources for teaching and research, and analyze the MHN collection through a database for a historical analysis of Roman coins from the principate of Augustus.

Keywords: National Historical Museum; Scientific Dissemination; Principate of Augustus; Roman Numismatics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1-MUSEU HISTÓRICO NACIONAL E A HISTORICIDADE DO ACERVO DE NUMISMÁTICA	5
1.1 – Museus: etimologia e definições.....	5
1.2 – Museus, cultura material e a pesquisa em História.....	8
1.3 – O Museu Histórico Nacional entra em cena para os estudos de cultura material.....	13
2- NUMISMÁTICA E AS PESQUISAS EM ANTIGUIDADE.....	16
2.1 – As moedas e seu campo de estudo: considerações sobre a Numismática	16
2.2 – A produção de moedas no Mundo Antigo.....	18
2.3 – A Numismática Romana: características e tipologias monetárias	19
3 - AS REPRESENTAÇÕES DO <i>PRINCEPS</i> AUGUSTO NO MHN: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DA CULTURA MATERIAL.....	25
3.1 - Metodologia de Pesquisa	25
3.2 - O Principado de Augusto e a sua legitimidade do poder	28
3.3 - Divindades e legitimidade imperial augustana.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – Catálogo Numismático	44

INTRODUÇÃO:

A pesquisa tem como objetivo analisar a coleção de numismática romana presente no acervo do Museu Histórico Nacional. Após o incêndio do Museu Nacional, que resultou na perda de um vasto acervo museológico, considerado um dos maiores do mundo, a preservação do patrimônio e o acesso a bens culturais em todas as regiões do país tornaram-se uma prioridade constante para historiadores engajados com a educação e cultura no Brasil. Além disso, relacionamos esse interesse ao fato de que esses materiais representam fragmentos da História Antiga de Roma, que está presente em nosso cotidiano, exigindo uma reflexão sobre seu uso no ensino e na pesquisa. Diversos pesquisadores brasileiros, como Norberto Luiz Guarinello (2003), Pedro Paulo Funari e Renata Senna Garraffoni (2004) e Glaydson Silva (2007), já destacaram a importância social que a História Antiga e seus temas têm para a sociedade brasileira. As conexões políticas e linguísticas, as apropriações em jogos e filmes, as práticas culturais alimentares e religiosas, bem como os vestígios arqueológicos presentes nos acervos museológicos estão por toda parte. A Antiguidade faz parte da formação de nossa consciência histórica, seja na alimentação com pão e azeite, na arte tumular, no processo educacional ou no uso de moedas.

Nesse amplo contexto de estudos da Antiguidade, é importante destacar que o nosso foco será na numismática romana, que se concentra nas moedas produzidas por Roma ao longo da República e do Império. Essa área de pesquisa possui uma série de publicações importantes ao longo do século XX. Dentre elas, destacam-se os catálogos elaborados por Herbert A. Grüber em "*Coins of the Roman Republic in the British Museum*", publicado em três volumes em 1910; as pesquisas de Harold Mattingly em "*Coins of the Roman Empire in the British Museum*", publicado em seis volumes em 1970; o trabalho do numismata Michael H. Crawford em "*Roman Republican Coinage*", em dois volumes, publicado em 1974; e as contribuições de C. H. V. Sutherland e R. A. G. Carson em "*The Roman Imperial Coinage*", em dez volumes, entre 1923 e 1994. Além disso, vale mencionar o livro de Robert A. G. Carson, "*Coins of the Roman Empire*", publicado em 1990. Essas fontes e métodos abrangentes fornecem a base para novas interpretações sobre a circulação de riquezas, ideias, práticas culturais e poder em Roma.

Através do levantamento e balanço historiográfico sobre teses e dissertações que versem sobre numismática antiga, verificamos que há um conjunto de produções brasileiras que abordam o campo da numismática antiga com base no Museu Histórico Nacional. Dessa forma, citamos Cláudio Umpierre Carlan (2007) em sua tese "*Moeda e Poder em Roma: um*

mundo em transformação", que analisa as moedas do Império Romano do século IV, tanto do ponto de vista material quanto simbólico. Carlan argumenta que as moedas eram usadas não apenas para pagamento de tropas e abastecimento do Império, mas também como um meio de legitimação do poder, através das representações dos governantes e de sua política administrativa.

Outro relevante estudo numismático foi produzido Paula de Jesus Moura Aranha (2016), em sua dissertação "*A representação simbólica da ninfa Aretusa nas cunhagens de Siracusa como fator de identificação no século V a.C: as emissões da dinastia Deinomenide*", examina a escolha da ninfa Aretusa como a imagem nas moedas cunhadas pela dinastia Deinomenide em Siracusa no século V a.C. Aranha argumenta que a escolha de uma ninfa, um ser divino hierarquicamente menor que uma deusa, tinha um significado mitológico específico e representava a identidade da pólis de Siracusa.

No campo da numismática republicana é importante frisar os estudos Gisele Oliveira Ayres Barbosa (2017), em sua tese "*Quando o Divino Celebra o Humano: Religião, Política e Poder nas Moedas Republicanas Romanas (139-83 AEC)*". A autora aborda a questão da iconografia numismática das moedas republicanas romanas. Barbosa argumenta que essas moedas não eram apenas um meio de troca, mas também uma ferramenta de autopromoção para os magistrados responsáveis pela cunhagem. Ela sugere que as moedas eram usadas para enaltecer a *gens* (família) do magistrado e para reforçar a conexão entre a política e a religião na Roma republicana.

Embora os três autores concordem que as moedas antigas eram usadas como uma forma de comunicação e legitimação do poder, eles apresentam visões específicas das imagens que analisam, assim possibilitando em conjunto ver as moedas e suas relações entre a religião e a política na antiguidade. Afinal, Ayres (2017) vê as moedas como um meio de autopromoção para os magistrados e suas famílias, e como uma forma de reforçar a conexão entre a política e a religião. Aranha (2016), por outro lado, vê a religião e a política como forças que interagem de maneira mais complexa. Ela sugere que a escolha de uma ninfa reflete a posição de Siracusa na Grécia clássica e a forma como a cidade se via em relação ao resto do mundo grego. Já Carlan (2007) vê as moedas como um meio de legitimação do poder. Ele argumenta que as moedas eram usadas não apenas para pagamento de tropas e abastecimento do Império, mas também como um meio de representar e reforçar o poder dos governantes. Ele também destaca a complexidade da relação entre a religião e a política na antiguidade e a forma como essa relação pode ser refletida e reforçada através da iconografia das moedas. Carlan também analisa

a ascensão do cristianismo como a religião oficial do Império Romano no final do século IV, sugerindo uma mudança na relação entre a religião e a política.

Este debate historiográfico, portanto, ilustra a diversidade de interpretações possíveis ao estudar uma única fonte histórica, como as moedas antigas, e a complexidade da interação entre religião, política e identidade na antiguidade. Tais debates inquietaram-nos cientificamente.

Desse modo, buscamos possibilitar a democratização do conhecimento sobre a sociedade romana e gerar recursos para o ensino-aprendizagem por meio de uma pesquisa que utilize materiais presentes em nossos museus. Propomos a junção entre Ensino e Pesquisa em História Antiga para uma construção ativa do conhecimento, que será sensível aos problemas sociais relacionados à perda de sensibilidade em relação aos centros culturais. Nossos objetivos foram levantar a bibliografia sobre o tema, coletar informações do acervo do MHN e construir um repertório sobre as moedas romanas do período do princeps Augusto para viabilizar pesquisas sobre História Antiga. Além disso, buscamos produzir uma monografia que analisasse essa temática.

Para embasar nossa análise numismática, optamos pela proposta de Christopher Howgego (1995, p.39-60). Escolhemos esse numismata em particular porque, em seu livro "*Ancient History from Coins*", pois ele oferece uma abordagem atenta às possibilidades de interpretação que as imagens e legendas das moedas proporcionam aos pesquisadores.

É importante ressaltar que o nosso projeto é desenvolvido com base nos dados coletados no Museu Histórico Nacional, que fica no Rio de Janeiro, uma instituição pública que possui um acervo riquíssimo e contribui significativamente para a produção científica em diversas fases históricas da humanidade. Para que seja feito um estudo detalhado e preciso a respeito desse acervo de moedas foi necessário a elaboração de um banco de dados. De acordo com Felipe Caldeira (2003) pode-se afirmar que qualquer conjunto de dados forma uma Base de Dados (BD). Logo, o conjunto de moedas do MHN é passível de uma análise histórica e sistematizada que pode ser organizada em uma BD. Desse modo, a base de dados que estamos utilizando foi criada¹ a partir do projeto de pesquisa *Base de Dados para o Repertório sobre a Iconografia Augustana do Museu Histórico Nacional* (parte 2), abreviada nesse trabalho como *RIAMHN*, em 2021, de autoria do Prof. Carlos Eduardo da Costa Campos e com atuação do PIBIC Leonardo Arguello e com participação do graduando Luis Miguel Pereira Lacerda. No *RIAMHN*, catalogamos as informações contidas nas moedas para extrair nomes, funções

¹ As moedas foram sistematizadas e disponibilizadas para esse estudo no apêndice A, p.42.

sociais, imagens e divindades que permitam compreender parte da dinâmica social e política romana, no período do principado de Augusto.

O primeiro capítulo do nosso estudo é intitulado "O Museu Histórico Nacional e a Historicidade do Acervo de Numismática". Nesse capítulo, abordamos as noções relacionadas ao espaço museológico, sua interação com a sociedade e o acervo numismático específico. Discutimos a importância desse acervo para a compreensão da história e destacamos a relevância do Museu Histórico Nacional como um todo.

No segundo capítulo, denominado de "Numismática e as Pesquisas em Antiguidade", exploramos a relação entre a numismática e as pesquisas sobre a Antiguidade. Nesse contexto, destacamos a numismática como uma ferramenta fundamental para compreender as relações políticas, sociais, econômicas, religiosas e culturais das sociedades antigas. Discutimos como as moedas podem fornecer informações valiosas sobre esses aspectos e contribuir para a reconstrução histórica.

Por fim, o terceiro capítulo leva o título de "As representações do *princeps* Augusto no MHN: uma análise iconográfica da cultura material". Nesse capítulo, concentramos nossa análise nas representações do imperador Augusto presentes no acervo numismático do Museu Histórico Nacional. Exploramos como o governo de Augusto foi retratado nas moedas e como essas representações, em conjunto com o uso das divindades, foram utilizadas para legitimar seu poder. Além disso, contextualizamos o governo de Augusto e a situação do Império Romano na época, estabelecendo uma análise iconográfica das moedas e realizando um trabalho de catalogação e sistematização do acervo numismático presente no museu.

Com esses três capítulos, buscamos trazer uma compreensão mais aprofundada sobre o Museu Histórico Nacional, a importância da numismática como ferramenta de pesquisa na Antiguidade e a análise das representações do imperador Augusto nas moedas do acervo do museu.

1 – MUSEU HISTÓRICO NACIONAL E A HISTORICIDADE DO ACERVO DE NUMISMÁTICA

Ao pensar em acervos museológicos de grande porte, como peças, esculturas, cerâmicas, estátuas e outros artefatos, é comum que os brasileiros associem primeiramente a museus estrangeiros. No entanto, o Brasil possui museus renomados, ativos e produtivos, que desempenham um papel importante na disponibilização de conteúdo para o público em geral e contribuem significativamente para pesquisas acadêmicas em várias áreas.

De acordo com um relatório da BBC de 2017, o Museu do Louvre, em Paris, recebeu o dobro de visitantes brasileiros em comparação com o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Essa preferência por museus estrangeiros pode ser atribuída a diversos fatores, como a reputação internacional dessas instituições e a divulgação mais ampla que recebem. No entanto, é fundamental destacar que o Brasil abriga museus de grande relevância, com acervos valiosos e uma produção cultural e científica significativa. Esses museus estão engajados na divulgação do conhecimento, na promoção da cultura e na preservação do patrimônio nacional. Eles contribuem tanto para o acesso do público em geral às obras de arte e aos objetos históricos quanto para o avanço da pesquisa acadêmica em diversas áreas do conhecimento. Portanto, embora exista uma preferência expressiva por museus estrangeiros entre os brasileiros, é importante reconhecer e valorizar os museus nacionais como espaços de conhecimento, cultura e contribuição para a academia. Essas instituições desempenham um papel fundamental na preservação e divulgação do patrimônio brasileiro e na produção de conteúdo relevante para a sociedade.

1.1 – Museus: etimologia e definições:

O termo "museu" tem sua origem na Grécia Antiga e está intrinsecamente ligado à relação entre poder e memória. Sua raiz remonta à mitologia, mais especificamente às musas da mitologia clássica, que eram filhas da união mítica entre Zeus, o poderoso deus supremo, e Mnemosine, a deusa da memória. Dessa forma, os museus estão conectados às musas tanto pela via materna, representando os "lugares de memória", quanto pela via paterna, representando estruturas e lugares de poder. A ideia de museu como um local de memória se refere à sua função de preservar e exibir objetos que possuem significado histórico, cultural ou científico, contribuindo para a memória coletiva de uma sociedade.

Os museus são espaços onde o passado é resgatado e apresentado ao público, proporcionando a oportunidade de aprender sobre eventos passados, culturas antigas, realizações artísticas e científicas, entre outros aspectos que moldaram a humanidade. Por outro lado, os museus também são associados ao poder, representado pela figura de Zeus (IBRAM, 2019a, p.5). Eles são estruturas institucionais com autoridade e influência, responsáveis pela curadoria, pesquisa, exposição e interpretação dos objetos em seu acervo. Os museus exercem poder ao decidir quais objetos serão preservados e exibidos, como serão apresentados ao público e como serão interpretados. Assim, os museus são simultaneamente lugares de memória e de poder (CHAGAS, 2006. p. 31). Esses dois conceitos estão intrinsecamente interligados nas instituições museológicas. Os museus preservam a memória e são atores poderosos na construção e na difusão do conhecimento histórico, cultural e científico. Eles desempenham um papel fundamental na sociedade, proporcionando um espaço para reflexão, aprendizado e apreciação da herança cultural e do legado deixado pelas gerações passadas.

Embora os museus possuam características que remontam à sua terminologia da Antiguidade, o seu papel na sociedade atual passou por transformações significativas, incorporando uma ampliação e maior envolvimento com as dinâmicas sociais. No início do século XX, os processos museológicos e grande parte das produções nas ciências humanas começaram a ser questionados pelo movimento historiográfico europeu conhecido como "*Movimento dos Annales*". Esse movimento promoveu a inclusão de novos agentes e sujeitos na história, rompendo com a perspectiva tradicional que via o objeto da história quase exclusivamente como uma homenagem aos estados, monarcas e grandes acontecimentos políticos.

Essa renovação não se limitou apenas ao campo da historiografia, mas também abriu espaço para perspectivas distintas que antes não eram consideradas. A abordagem da "história vista de baixo", com foco na vida e nas camadas populares da sociedade, nos indivíduos que costumavam ser esquecidos, como servos, escravos, trabalhadores e mulheres, ganhou destaque nas investigações acadêmicas. Essa mudança de perspectiva também influenciou os museus, que passaram a adotar abordagens mais inclusivas e a considerar a diversidade de experiências e histórias presentes na sociedade. Os museus passaram a se preocupar em representar uma narrativa mais abrangente, não apenas dos grandes eventos e personagens históricos, mas também das experiências cotidianas e das diferentes vozes e perspectivas daqueles que foram marginalizados ao longo da história (IBRAM, 2019a, p.6).

Os museus, seguindo essa tendência, começaram a questionar as formas como seus acervos eram constituídos, o elitismo que permeava seus espaços e as tipologias tradicionais. Eles passaram a se abrir para influências acadêmicas e a se inserir em um espaço cada vez mais popular e engajado com a sociedade em seu processo de desenvolvimento, deixando de limitar sua participação apenas a uma parcela exclusiva da elite. A seleção de objetos museológicos, que por muito tempo foi influenciada pelas bases políticas e econômicas do poder, também passou por uma transformação. Houve uma busca por uma visão mais profunda e abrangente, permitindo uma interpretação mais completa e dinâmica dos vestígios e documentos materiais. A escolha museológica passou a provocar um novo olhar sobre esses objetos, buscando ir além do sentido aparente. Isso envolve atribuir a eles novas funções, transformando-os em representações, documentos ou suportes de informação.

Dessa forma, os museus se tornaram espaços de múltiplas interpretações, onde os objetos expostos não são apenas vistos como artefatos isolados, mas como parte de um contexto mais amplo e interativo. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais rica e significativa da história e da cultura, incentivando a participação ativa do público na construção do conhecimento. Os museus se esforçam para tornar as exposições mais acessíveis e envolventes, promovendo a interação e a reflexão por meio de diferentes formatos e abordagens inovadoras. (CHAGAS, 1996. p. 56).

Em 2022, o Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou uma nova definição para museus. Dessa forma, o novo texto diz que:

“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento”².

A definição ressalta a importância dos museus em serem abertos ao público, acessíveis e inclusivos, promovendo a diversidade e a sustentabilidade. Os museus são vistos como locais que funcionam e se comunicam de maneira ética e profissional, envolvendo as comunidades e oferecendo experiências diversas que visam à educação, apreciação, reflexão e compartilhamento de conhecimento.

² Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756> Acessado em:08/05/23.

Essa nova definição reflete uma compreensão mais ampla do papel dos museus na sociedade contemporânea, destacando sua responsabilidade em engajar o público, promover a inclusão e a sustentabilidade, e contribuir para a preservação e interpretação do patrimônio cultural e histórico.

1.2 – Museus, cultura material e a pesquisa em História:

No Brasil, embora a prática de visitar museus e desfrutar de seus conhecimentos ainda não é uma realidade social popular, devido a escassez de equipamentos culturais fora das grandes capitais. Entretanto, há leis que direcionam os papéis, funções e diretrizes de operação desses espaços e instituições. O Estatuto de Museus, aprovado pela Lei Federal nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, é o instrumento construído pela comunidade museológica nacional e está em vigor em todo o país. Este estatuto nos traz o seguinte conceito:

Artigo 1º. Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (IBRAM, 2019b, p.8).

Dessa forma, percebe-se que as funções do museu visam promover serviços à sociedade, tendo como missão a organização e administração de bens e documentos. Através desses recursos, busca-se possibilitar o conhecimento e a informação sobre o legado de um povo, uma época, uma pessoa, um acontecimento, um artefato e outras produções que despertem curiosidade e estimulem a investigação de pesquisadores e demais membros da sociedade. O museu desempenha um papel fundamental na preservação, interpretação e difusão da cultura e história, proporcionando um espaço de enriquecimento cultural, reflexão e educação para o público em geral. Além disso, busca promover a democratização do acesso ao patrimônio cultural, contribuindo para o fortalecimento da identidade e memória coletiva.

Para Mary del Priori (2013, p.128): “*Museus são espetáculos nos quais o objeto é o ator. Ele é, ao mesmo tempo, criador e criatura*”. A autora descreve os museus como espetáculos, onde os objetos são os atores principais. Esses objetos são tanto criadores quanto criaturas, pois não apenas representam a cultura do passado, mas também são recriados e ressignificados através do contato com o acervo. Os objetos nos museus são registros e testemunhas das práticas humanas, sendo verdadeiros portais materiais para o passado. Eles não são meramente seres inanimados, mas sim fontes históricas diretas, que nos incitam a

iniciar uma conversa assim que entramos no museu. A partir desse encontro, surgem perguntas, indagações e dúvidas, que nos permitem explorar um universo de visões contidas em um único objeto.

A interpretação dos objetos vai além de seu uso e estética peculiar. Eles nos desafiam a sair da passividade e nos envolver ativamente com a realidade que representam. Ao nos conectar com os objetos, somos convidados a viajar por narrativas, compreender suas viagens e apropriações ao longo do tempo por parte da sociedade. Essa abordagem nos permite dar um sentido amplo à peça, considerando não apenas suas características superficiais, mas também sua história, significado cultural e impacto social. Ao interagir com os objetos nos museus, somos levados a questionar, refletir e explorar novas perspectivas, enriquecendo nosso conhecimento e compreensão da cultura e da história.

Compreendemos que cada objeto carrega consigo uma história única. Concordamos com a reflexão de Mary del Priori (2013, p.128) de que as grandes obras de arte têm uma assinatura e autoria que facilitam seu mapeamento histórico. No entanto, as histórias dos pequenos objetos seguem outra lógica, pois qualquer um de nós pode ser o artista. Essa abordagem inclui as criações humanas que fazem parte da vida cotidiana e da intimidade, aquilo que basta ser visto para que uma infinidade de sentimentos se conecte ao indivíduo.

Nesse exercício, como aponta Priori (2013, p.128), "enxergamos um mundo que não é apenas nosso, mas também o dos outros". Os encontros culturais e intertemporais dialogam nas mentalidades, instigando a curiosidade e a descoberta de novas respostas. Em nosso objeto de pesquisa, as moedas, exploramos toda essa expressão cultural dos objetos, bem como sua relevância na sociedade.

À luz das nossas discussões sobre os museus e seus papéis na sociedade, fica evidente que esses espaços desempenham um papel crucial na construção de debates e pesquisas sobre os caminhos e usos da história. Nesse contexto, voltamos nossa atenção para as culturas materiais e sua relevância na produção de pesquisa e conhecimento. Ao longo de sua vasta e complexa trajetória no planeta Terra, o ser humano manifestou suas atividades de diversas maneiras, cada uma delas imersa em seus contextos de atuação e resultando em uma mútua interação entre sociedade e indivíduo. Para aprofundarmos nossa compreensão e análise dessas múltiplas informações criadas pela humanidade, é necessário estabelecer um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, de modo que essa interação promova um estudo minucioso e abrangente.

A pesquisa e o estudo das culturas materiais nos permitem explorar os objetos e artefatos produzidos pelas sociedades ao longo do tempo, compreendendo não apenas sua

função e estética, mas também as ideias, crenças e valores que permearam sua criação. Essa abordagem interdisciplinar nos desafia a integrar conhecimentos e metodologias de áreas como história, arqueologia, antropologia, sociologia e outras disciplinas relevantes. Ao conectar os diferentes saberes, somos capazes de obter uma compreensão mais abrangente e enriquecedora das sociedades passadas e presentes. Além disso, o estudo das culturas materiais nos permite analisar as relações de poder, as dinâmicas sociais, as transformações culturais e as identidades coletivas ao longo do tempo.

Portanto, ao promover o diálogo entre as diversas áreas do conhecimento e valorizar a importância das culturas materiais, os museus se tornam espaços propícios para a produção de pesquisa e conhecimento mais aprofundados, enriquecendo nosso entendimento da história e do mundo ao nosso redor.

Diante do exposto, é importante ressaltar a relevância do diálogo com a Arqueologia para os estudos da cultura material em acervos e a pesquisa histórica. Conforme mencionado por Kalina Silva e Maciel Silva (2009, p.25), a arqueologia é uma ciência que se dedica ao estudo dos vestígios materiais deixados pelas civilizações passadas, mas também está atenta à subjetividade envolvida na interpretação desses objetos. Por meio de uma investigação sistemática, que se vale de conhecimentos da física, química, história e sociologia, busca-se proporcionar reflexões dinâmicas sobre o objeto em questão. Para Kalina Silva e Maciel Silva (2009, p.23) se define cultura material como vestígios e objetos que constituíram as sociedades passadas e suas formas de organização, arte, relações de poder, culinária, política e economia.

Há uma historicidade nessas relações entre História e Cultura Material. A partir do século XIX, a cultura material passou por um processo que a integrava no campo de pesquisa, ampliando os seus domínios ao compreender como a matéria fazia parte da atividade humana. Os artefatos eram analisados baseados na doutrina positivista que permeava os estudos na Europa. As informações extraídas dos objetos os colocavam no conceito vigente de evolucionismo cultural, e os categoriza conforme seu desenvolvimento. E assim, se constituía as primeiras definições e objetivos da arqueologia e antropologia. Mais adiante nessa mesma linha de pensamento surgiu o clássico e quase único modelo arqueológico estudado nas escolas: as três idades – Pedra, Bronze e Ferro – formulado por volta de 1850 (REDE, 2012, p. 134).

Nesse mesmo contexto, o neocolonialismo também contribuiu para reforçar esse ideal, tanto no âmbito social quanto nas pesquisas e teorias antropológicas. O confronto com as outras sociedades e o estranhamento refletiram-se nos objetos materiais. As sociedades consideradas pelos colonizadores como "primitivas" também possuíam seus próprios materiais e produções,

mas, por não estarem alinhadas com os padrões culturais das sociedades europeias, eram classificadas e inferiorizadas socialmente (REDE, 2012, p. 135).

No campo da arqueologia, o colecionismo etnográfico desempenhou um papel significativo nesse cenário. Os principais interessados eram aventureiros, entusiastas políticos e caçadores de tesouros. Seus interesses se voltavam para as heranças civilizacionais das sociedades europeias, com ênfase nas narrativas bíblicas e nos estudos das sociedades greco-romanas. A cultura material era predominantemente analisada no campo arqueológico, com foco exclusivo no objeto em si. As análises e conclusões sobre o artefato eram realizadas com base nos perfis culturais dos povos e nas categorizações sociais e políticas. O contexto no qual o material era encontrado não fazia parte da pesquisa, muito menos as interpretações culturais nas quais ele estava inserido.

Com isso, Marcelo Rede (2012, p. 133) ressalta que por um tempo:

Historiadores desprezaram ou falharam em considerar adequadamente as articulações entre a vida social e a materialidade, e, apesar de sua grande diversidade, raramente as teorias acerca da experiência histórica reconheceram a importância da dimensão material da existência humana.

Entretanto, essa crítica ou desinteresse a respeito da cultura material, no século XIX, foi se modificando com as novas tendências da historiografia no século XX. Assim, passando a cada vez mais problematizar as descobertas arqueológicas e os estudos da arqueologia. Vale mencionar, que no caso dos Estudos Clássicos esse diálogo nunca esteve apartado, pois é uma ciência que se vale de diversas fontes documentais e disciplinas desde o século XIX.

Em 1960, surgiu o movimento chamado *New Archaeology*, que apresentava uma perspectiva metodológica profunda, interacionista e diferente das abordagens até então desenvolvidas pelos arqueólogos (FLAMARION, 2012, p.137). A *New Archaeology* tinha como objetivo investigar as interações entre os grupos humanos e o meio ambiente, bem como o papel da cultura material nesse contexto.

Um dos principais aspectos introduzidos pela *New Archaeology* foi o estudo da composição dos objetos materiais, levando em consideração todo o contexto e histórico do registro arqueológico. Isso incluía reflexões sobre sua trajetória, a formação do sítio arqueológico e o conhecimento sobre a sociedade à qual o objeto pertencia. Dessa forma, a abordagem da *New Archaeology* não se limitava apenas a uma perspectiva antropológica ou arqueológica, mas também envolvia a etnoarqueologia dos materiais.

Além disso, a história também foi beneficiada pelo movimento da *New Archaeology*, uma vez que ao dialogar com os conhecimentos produzidos por essa abordagem, a visão tradicional que privilegiava as configurações civilizacionais e as sucessões cronológicas foi questionada. Conforme observado por Rede (2012, p.137), a *New Archaeology* trouxe uma tendência que enfatizava as integrações dos subsistemas tecnológicos, sociais, econômicos, entre outros, buscando compreender a interação entre os mecanismos do ser humano e a materialidade.

Com isso, a historiografia agora é permeada por metodologias inovadoras e multidisciplinares, que não mais se limitam à abordagem descritiva dos registros materiais, mas buscam uma análise e reflexão em conjunto com outras ciências. A partir da década de 1970, o estudo da cultura material ganhou destaque em diversos domínios e pesquisas, com uma tendência que valorizava o interesse pelo cotidiano, pelas camadas populares e pelo povo. Conforme aponta Rede (2012, p.139), essa nova dinâmica comprovou que os estudos antropológicos podem ser realizados dentro da própria sociedade em questão, explorando as interações, os consumos e as relações de poder das pessoas na sociedade capitalista. Isso demonstrou que tais temas são igualmente válidos como objetos de pesquisa, não se limitando apenas a tribos e povos distantes e desconhecidos.

Assim, considerando a trajetória da cultura material ao longo da História, Arqueologia, Antropologia e outras disciplinas das ciências humanas, fica evidente a sua função em ajudar a compreender a sociedade. A matéria vai além de sua composição física ou de simples representações, pois carrega consigo significados, interpretações, ideias, perguntas e respostas.

O contato intrínseco do ser humano com a matéria começa com o nosso próprio corpo e se estende a outros elementos concretos que são apresentados: a natureza, objetos, ferramentas, máquinas, entre outros. A totalidade da ação e da vida humana é permeada pela interação com o mundo físico (REDE, 2012, p. 144). Portanto, a interação do ser humano com a materialidade está sempre presente, sendo parte integrante da realidade que nos cerca. As ações humanas são construídas e, ao mesmo tempo, constroem a materialidade, estabelecendo uma dinâmica ativa de interação entre o ser humano e a matéria. Essa relação proporciona inúmeras possibilidades de produção e também de aquisição de conhecimento. Um elemento de estudo proporcionado pela cultura material reside nos acervos museológicos, em nosso caso específico: o Museu Histórico Nacional.

1.3 – O Museu Histórico Nacional entra em cena para os estudos de cultura material:

O Museu Histórico Nacional (MHN), nosso local de pesquisa, tem suas raízes no início do século XVII, localizado no centro histórico do Rio de Janeiro, entre as praias de Piaçaba e Santa Luzia. Foi nesse local que os colonos portugueses construíram a Fortaleza de Santiago, que se tornou a base para o conjunto arquitetônico que hoje abriga o Museu Histórico Nacional.

Figura 1 - Fachada do Museu Histórico Nacional³



Foto: João Carlos Ribeiro Campos (2014)

Ao longo dos séculos, outras construções foram incorporadas ao complexo da Fortaleza de Santiago. Entre elas, destacam-se a Prisão do Calabouço (1693), a Casa do Trem (1762) e o Arsenal de Guerra (1764). Essa região, como aponta Carlan (2012, p.25), possuía uma localização estratégica na Baía de Guanabara, abrigando diversas estruturas militares, como arsenais, alojamentos para tropas e depósitos de armas e munições. Permaneceu como área militar até 1908, quando o Arsenal de Guerra foi transferido para a ponta do Cajú.

Na década de 1920, ocorreram importantes transformações nesse local. A Ponta do Calabouço, que originalmente servia como local de punição para escravos durante o período colonial, foi aterrada e urbanizada para sediar a Exposição Internacional em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil. O Antigo Arsenal de Guerra também passou por reestruturações para embelezar suas instalações, adotando características neocoloniais.

Em 1922, por ocasião do centenário da Independência do Brasil, o presidente Epitácio Pessoa inaugurou o "Palácio das Grandes Indústrias", um dos pavilhões mais visitados do

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/museuhistoriconacional/photos>. Acesso em: 24/02/2022

recém-criado Museu Histórico Nacional, como forma de criar um espaço dedicado à história nacional aberto ao público. Dessa forma, o Estado iniciou o processo de reinterpretação do passado e produção da memória de acordo com seus interesses. O Brasil passou a ser revelado e conhecido de maneira "oficial", e o MHN desempenha um papel central como um dos principais pilares das grandezas da nação (TOSTES, 2013, p.15).

Atualmente, o MHN é um dos museus mais importantes do país, abrigando um acervo com mais de 300 mil itens, incluindo artefatos, objetos, esculturas, documentos e peças nacionais e estrangeiras. O museu preserva estruturas históricas originais, como a Fortaleza de Santiago e a Prisão do Calabouço, além da Casa do Trem, do Arsenal de Guerra e do Pavilhão da Exposição de 1922. Essas edificações formam um dos conjuntos arquitetônicos mais significativos e relevantes da cidade.

O Museu Histórico Nacional (MHN), desde a sua fundação, consolidou-se como um museu de destaque em ensino, pesquisa e extensão, pois abrigou o primeiro curso de museologia da América Latina. Logo, o MHN é uma instituição nacional de referência, sendo reconhecido como o maior e mais importante museu de história do país, conforme destacado por Tostes (2013, p.14). O MHN passou por um significativo processo de modernização e recuperação de seu acervo. Nesse sentido, a participação de instituições acadêmicas, culturais e da comunidade civil foi fundamental para a reorganização e retomada do museu como um espaço de formação, estudo e pesquisa, impulsionando o desenvolvimento de novas metodologias nas áreas de educação, comunicação, restauração e tecnologia.

É importante ressaltar que o MHN tem como objetivo atender a toda a sociedade, tornando suas exposições temporárias e permanentes acessíveis ao maior número possível de cidadãos. Dessa forma, o museu cumpre sua função social, justificando sua importância como um espaço museológico que promove o acesso ao conhecimento histórico e cultural para o público em geral.

A instituição conta com a maior coleção numismática da América Latina, composta por um total de 150.000 peças, nacionais e internacionais, chamando a atenção para a Antiguidade, com 1.900 exemplares gregos e 7.500 romanos (MAGALHÃES, 2011, p. 1). A abundância de moedas reunidas no MHN contou com a ajuda de diversos personagens. A coleção teve origem em 1880, na Biblioteca Nacional. Em 1923, as moedas foram transferidas para o MHN, que recebeu outras importantes doações com o passar do tempo, tais como Casa da Moeda, Arquivo Nacional, Museu Nacional e o Museu da Marinha. Ressalta-se a participação do Comendador Antônio Pedro de Andrade, que foi o maior doador individual da coleção, tanto em quantidade quanto em antiguidade dos objetos. Outras figuras importantes podem ser destacadas como

doadores: Pedro Massena, Guilherme Guinle, Eugenio Vergara Caffarelli (MAGALHÃES, 2011, p. 1; ARANHA e HERINGER, 2015, p. 131).

Paula Aranha⁴ (2020) destaca que o acervo de numismática está presente em todo o circuito de longa duração do MHN, proporcionando uma experiência abrangente aos visitantes. Durante a jornada, diversas histórias são contadas, acompanhadas por exemplares do meio circulante que enriquecem a narrativa. Desde o núcleo inicial, "Portugueses no mundo", até o término do percurso, os objetos numismáticos desempenham um papel significativo.

Aranha menciona que no começo da exposição somos apresentados à rara moeda conhecida como "O índio", emitida por D. Manuel I em 1499, possivelmente celebrando a descoberta do caminho marítimo para as Índias. Também são exibidas peças comemorativas da chegada dos portugueses ao território brasileiro, incluindo a célebre de 10 reais, feita de polímero, que muitos já tiveram a oportunidade de utilizar. Além disso, há exemplares das primeiras moedas cunhadas em solo brasileiro, curiosamente produzidas por holandeses durante seu domínio no Nordeste do Brasil na primeira metade do século XVII. Essas moedas, conhecidas como moedas de necessidade ou obsidionais, representam um importante marco histórico.

Marici Magalhães (2011, p. 4) ressalta que, em 2006, esse material foi retomado para estudo por ela. Dessa forma, a autora, por meio de um projeto realizado com patrocínio da FAPERJ, buscou gerar, no modelo *sylloge*, uma análise sistemática das tipologias das moedas gregas e romanas republicanas.

Percebe-se que, para que pudesse haver uma conjuntura e integração da coleção numismática do Museu Histórico Nacional, além da participação de doadores, eruditos, figuras importantes e entusiastas, o diálogo entre instituições foi vital. As articulações de todos esses entes públicos e agentes particulares proporcionaram uma integralidade do acervo que fez com que a coleção ganhasse quantidade, forma, variedade e qualidade. Paulo Knauss, diretor do Museu Histórico Nacional (2016, p. 5), afirma que o museu possui uma coletânea numismática ímpar que abarca o contexto nacional brasileiro e a história do mundo. Assim, reúne um peculiar conjunto de moedas de diferentes civilizações e períodos históricos, reforçando a ideia de diversidade cultural e afirmando o valor e a importância internacional que o acervo possui.

⁴ PODCAST MHN: Segundo episódio aborda acervo de numismática do museu, jun./2020. Disponível em: <https://mhn.museus.gov.br/index.php/podcast-mhn-segundo-episodio-aborda-acervo-de-numismatica-do-museu-2/> Acessado em: 10/06/23.

2 – NUMISMÁTICA E AS PESQUISAS EM ANTIGUIDADE

2.1 - As moedas e seu campo de estudo: considerações sobre a Numismática:

Em meio à vastidão de objetos encontrados no Museu Histórico Nacional, um tipo específico de documentação sobressai e desperta interesse para investigação nesta monografia: a Numismática, mais precisamente a Numismática Romana. Ressaltamos, diante disso, que essa área de pesquisa possui diversas reflexões de diferentes autores. Entre eles, é importante mencionar o numismata Michael H. Crawford, em "*Roman Republican Coinage*", editado em dois volumes no ano de 1974. Também destacamos os esforços do pesquisador C. H. V. Sutherland e R. A. G. Carson nos livros "*The Roman Imperial Coinage*", elaborados em dez volumes entre os anos de 1923 e 1994. Por fim, citamos Robert A. G. Carson em "*Coins of the Roman Empire*", publicado em 1990. Essa variedade de títulos e autores é de suma importância para fornecer dados, metodologias e informações sobre a circulação e uso da moeda em Roma. A circulação de moedas na sociedade tem suas origens desde meados do primeiro milênio a.C. Desde então, o interesse por esses objetos circulares permeia várias áreas do conhecimento, levantando diversas pesquisas e questões sobre suas origens, usos, contextos e finalidades. De acordo com Carlan e Funari (2012, p. 17), as primeiras preocupações modernas com o estudo dos sistemas monetários foram feitas por Guillaume Budé em 1514, com foco na antiguidade. Como resultado disso, várias outras pesquisas realizadas nos séculos XVIII e XIX ajudaram a consolidar o termo Numismática, expressão que, segundo Carlan e Funari (2012, p. 17), deriva do latim "*nummus*", que significa "moeda", referindo-se aos estudos das moedas cunhadas.

Ao analisar de forma mais aprofundada o papel da numismática, percebe-se que ela vai além do estudo da história econômica e financeira da moeda. Carlan e Funari (2012, p. 17) destacam que o universo numismático é vasto e a moeda adquire uma variedade de aspectos, tornando-se uma fonte rica de informações para analisar a história das religiões, dos costumes, da arte e da política. Dessa forma, fica claro que é necessário articular a numismática com as diversas dinâmicas da sociedade para compreender a moeda em sua totalidade. De fato, a numismática desempenha um papel crucial na investigação e interpretação da história. As moedas não são apenas instrumentos de troca, mas também portadoras de símbolos, valores culturais e políticos. Ao examinar cuidadosamente as moedas antigas e contemporâneas, podemos desvendar informações valiosas sobre o contexto social, as crenças religiosas, as práticas comerciais e as relações políticas de determinada época.

A numismática permite que exploremos os padrões estéticos e iconográficos presentes nas moedas, revelando detalhes sobre a arte e a cultura da sociedade em que foram cunhadas. Por exemplo, a escolha dos motivos, os retratos de governantes, as imagens mitológicas e as inscrições presentes nas moedas refletem os valores e as ideologias dominantes da época. Além disso, a numismática nos possibilita rastrear a evolução das práticas monetárias ao longo do tempo. Podemos analisar as mudanças na forma, no material e na tecnologia de produção das moedas, assim como a expansão de sistemas monetários e o desenvolvimento de diferentes tipos de moeda, como cédulas e moedas eletrônicas. Ao examinar o contexto histórico e social em que as moedas foram utilizadas, podemos compreender as relações de poder, as dinâmicas econômicas e as interações culturais entre diferentes sociedades. Através da numismática, é possível reconstruir narrativas históricas mais abrangentes e obter insights sobre o passado.

Portanto, a numismática vai além do estudo isolado das características econômicas das moedas. Ela nos permite explorar as múltiplas facetas da sociedade, enriquecendo nossa compreensão da história por meio das informações valiosas contidas nessas pequenas peças metálicas. Para complementar o exposto, é importante considerar as questões que devem ser abordadas ao realizar um estudo numismático, tanto em relação à nossa sociedade atual quanto à Antiguidade, conforme mencionado por Carlan e Funari (2012, p. 69). Essas questões são essenciais para a plena compreensão do papel da Numismática. Alguns exemplos dessas questões são:

- Como ela era produzida e que grupos tinham direito de cunhar as peças?
- Qual a importância política, econômica, social e religiosa de tal objeto?
- Que metodologia podemos utilizar para análise da iconografia dos aversos e reversos monetários?
- Qual a nomenclatura científica adequada para a descrição da peça monetária?
- Qual seria o contexto arqueológico da moeda, onde costumam ser encontradas e em que condições?

Antes mesmo de a moeda adquirir sua forma circular, conhecida popularmente, e desempenhar um papel econômico na determinação de preços e na valoração de bens, ela era incorporada em qualquer outro objeto de valor. Em outras palavras, qualquer coisa que possuísse valor suficiente na sociedade para que seu uso ultrapassasse o convencional e se

tornasse um meio de troca, como é o caso do sal mencionado por Carlan e Funari (2012, p. 20) como um meio de troca amplamente utilizado em transações, que originou o termo "salário".

Posteriormente, com a consolidação da moeda nas redes comerciais, utilizando um único produto ou bem como equivalente geral, a moeda passou a ter uma difusão clara e objetiva na sociedade. Assim como outros materiais, ela adquiriu comercialidade e se tornou o principal meio nas trocas econômicas indiretas.

Assim como em tudo que se populariza, também existem interesses em jogo quando se trata da moeda. Carlan e Funari (2012, p. 23) apontam que a moeda carrega uma função política que vai além de sua oficialização e estabelecimento por parte do Estado ou instituições políticas. Por ser o principal motor das transações comerciais, seu controle representa poder significativo. Políticos e líderes usaram e usam a estrutura da moeda de forma simbólica para expressar autoridade sobre o sistema monetário. A cunhagem da moeda, com imagens de reis, brasões, monumentos ou assinaturas, transmite uma mensagem de poder. Isso se repete atualmente nas diversas formas modernas de troca, como notas de papel e cartões de crédito.

2.2 - A produção de moedas no Mundo Antigo:

As evidências literárias e arqueológicas apontam que a produção de moedas teve início no oeste da Anatólia, na área onde ocorria o encontro entre as cidades gregas ao longo da costa do mar Egeu e o reino lídio no interior. As primeiras moedas eram feitas de *electrum*, uma liga natural de ouro e prata encontrada no rio *Pactolus*, que desaguava no rio *Hermus*, a oeste de Sardes, a capital da Lídia. Estima-se que sua introdução tenha ocorrido por volta de 600 a.C., ou um pouco mais tarde, coincidindo com a descoberta de um depósito variado de joias e estatuetas nas fundações do templo de Ártemis em Éfeso, além do subsequente desenvolvimento da cunhagem na Ásia Menor e no mundo Egeu em geral (RUTTER, 2015).

Keith Rutter (2015) frisa que após as primeiras moedas de *electrum*, na Lídia, surgiram moedas feitas de ouro puro e prata, caracterizadas pelo reverso com a representação de um leão e um touro frente a frente. Embora essas moedas tenham sido tradicionalmente atribuídas ao reinado do rei lídio Creso (c. 561-547 a.C.), as evidências encontradas nos tesouros sugerem que a maioria delas, senão todas, são posteriores ao seu reinado e faziam parte da cunhagem emitida na região pelos persas.

As primeiras moedas provavelmente tinham o objetivo de facilitar pagamentos de grande valor em uma forma portátil e durável. Elas representavam uma forma de riqueza móvel

para os primeiros destinatários, mas muitas peças poderiam ser trocadas por bens e serviços, entrando assim em circulação como dinheiro (RUTTER, 2015).

A cunhagem de moedas na Grécia antiga refere-se à criação de moedas como forma de trocas comerciais. As moedas eram feitas de metais preciosos, como ouro ou prata, ou de uma liga de cobre. Elas possuíam um peso padronizado e apresentavam um design ou inscrição em um ou ambos os lados. As moedas serviam para medir o valor, armazenar riqueza e facilitar as trocas comerciais. Elas representavam a autoridade emissora, geralmente um estado ou seus representantes, que garantia sua aceitação como meio legal de pagamento (RUTTER, 2015).

Durante os períodos Arcaico e Clássico, muitas comunidades gregas ao redor do Mediterrâneo e do Mar Negro produziram suas próprias moedas. Essas moedas gregas frequentemente influenciavam as civilizações vizinhas a adotarem sistemas de cunhagem semelhantes, como os persas na Anatólia ocidental, os cartagineses no Norte da África e Sicília, os etruscos na Itália e os celtas na Europa ocidental. Embora essas moedas incorporassem suas próprias imagens e inscrições, geralmente eram inspiradas em modelos gregos. Após a conquista do Império Persa por Alexandre, o Grande, em 334 a.C., a cunhagem se expandiu significativamente, especialmente nos reinos sucessores, como Síria e Egito. Assim, o termo "cunhagem grega" engloba grande parte das moedas não romanas do mundo antigo, emitidas desde o Estreito de Gibraltar até o noroeste da Índia (RUTTER, 2015)

2.3 – A Numismática Romana: características e tipologias monetárias

No mundo romano, as moedas desempenham um papel de extrema importância para entender a situação da sociedade, suas estruturas políticas e as várias relações culturais, ideológicas e religiosas presentes no âmbito numismático. De acordo com Michael H. Crawford (1985), as evidências arqueológicas indicam que até meados do século IV a.C., não havia emissão de moedas na região de Roma. No entanto, essa situação se altera e se transforma no final do século IV a.C. e ao longo do século III a.C. A política monetária romana estava intimamente ligada às trocas culturais do Mediterrâneo, especialmente às influências gregas e etruscas que se incorporaram às práticas de cunhagem romana.

É importante ressaltar que a circulação e o uso da moeda se intensificaram ainda mais após a Segunda Guerra Púnica (século III a.C.). Nesse contexto, a moeda se torna o elo entre as trocas no Mediterrâneo, concebida e organizada em torno de um metal que permite conferir racionalidade e comercialização aos produtos e serviços.

Ademais, com a expansão do domínio romano sobre a Itália central, Roma teve acesso a ouro, prata e bronze, o que possibilitou a criação de uma moeda semelhante à grega. Esse impulso provavelmente foi motivado pelo envolvimento romano com as cidades gregas da Campânia, após a construção da Via Ápia no final do século IV a.C. Roma começou a cunhar moedas de prata com valor equivalente a duas dracmas gregas, e essas moedas eram praticamente idênticas às cunhagens do sul da Grécia. Após um período de pausa, provavelmente durante a Guerra Pírrica, a cunhagem romana continuou e se estendeu até o fim do Império Romano no Ocidente. Durante esse período, coexistiram moedas de prata, moedas simbólicas de bronze e moedas de bronze fundido até o início da Segunda Guerra Púnica em 218 a.C. É provável que tenha sido nesse período que as moedas romanas começaram a circular nas terras dos povos dos Apeninos centrais, e é possível que os soldados romanos, ao retornarem, tenham levado as moedas para as comunidades samnitas e outras (CRAWFORD, 2015).

A enorme pressão da guerra contra Aníbal levou à desvalorização das moedas de prata. O sistema de cunhagem romano da época entrou em colapso, e por volta de 211 a.C. foi introduzido um novo sistema, que incluía uma nova moeda de prata, o denário, que se tornou a principal moeda romana de prata até o século III d.C. Inicialmente, a emissão das moedas era financiada por impostos sem precedentes sobre propriedade privada e, posteriormente, por saques à medida que a guerra progredia favoravelmente para Roma. Com o fim da guerra, a cunhagem pelas outras comunidades italianas praticamente cessou, e a maioria das moedas, exceto as romanas, desapareceu rapidamente da circulação na Itália (CRAWFORD, 2015).

O período após a Segunda Guerra Púnica marcou o início do processo pelo qual a cunhagem romana se tornou a cunhagem de todo o mundo mediterrâneo. O denário rapidamente se tornou a moeda de prata na Sicília, acompanhado tanto pelas moedas de bronze romanas quanto pelas moedas de cidades. Na Espanha, os romanos permitiram ou encorajaram a criação de moedas de prata e bronze baseadas no denário, provavelmente na década de 150 a.C. (CRAWFORD, 2015).

Apesar da criação do denário, o bronze continuou sendo o elemento mais importante no sistema monetário romano por algum tempo. Uma crença semelhante àquela defendida por Pórcio Catão levou, inclusive, à quase supressão da cunhagem de prata por uma década, visto como um símbolo de aumento de riqueza e moralidade pública em declínio. No entanto, as consequências da conquista de Roma sobre o mundo não poderiam ser suprimidas para sempre. O saque de prata, entre outras coisas, que fluía para Roma a partir de 194 a.C., e as minas controladas por Roma na Macedônia desde 167 a.C., resultaram em um aumento considerável

da cunhagem de moedas de prata a partir de 157 a.C. Tornou-se comum que Roma cunhasse em um ano uma quantidade de moedas equivalente ao que uma cidade grega levaria um século para cunhar. A partir de 157 a.C., a cunhagem de Roma passou a refletir de forma precisa a posição de Roma como governante do mundo, dispensando a identificação étnica (CRAWFORD, 2015).

À medida que mais e mais territórios do mundo mediterrâneo passaram a ser governados diretamente por Roma e se envolveram nas guerras civis que culminaram no fim da república, o uso das unidades monetárias romanas e das moedas romanas se espalhou para a África, Grécia, Oriente e Gália. Somente o Egito, que foi incorporado em 30 a.C., permaneceu isolado do restante do mundo romano em termos monetários (CRAWFORD, 2015).

De fato, Pedro Paulo A. Funari e Cláudio Carlan (2012, p. 44-49) destacam a significativa integração e intervenção da política romana na criação de uma estrutura técnica e logística para orientar as atividades relacionadas à fabricação e disseminação das moedas. A produção dessas peças ocorria em oficinas autorizadas pelos governantes romanos. Essas oficinas se dividiam em dois grupos: as primeiras eram pequenos ateliês, nos quais a cunhagem estava sujeita às peculiaridades dos artesãos, enquanto as segundas eram as oficinas centrais, casas de cunhagem governamentais que não apenas produziam as moedas, mas também as institucionalizavam para a sociedade. Em Roma, por exemplo, havia a *officina monetæ* (oficina monetária), um imponente edifício público de cunhagem localizado no Capitólio.

Nesse contexto, a cunhagem romana passou por um processo de padronização de sua estrutura monetária. As moedas, sendo peças essenciais nas relações comerciais e sociais, passaram a seguir um modelo de produção que permitia sua difusão em larga escala. Vale ressaltar que a busca por metais mais duráveis e adequados ao comércio resultou em diferentes métodos de cunhagem, os quais foram transformados e reinterpretados de acordo com as necessidades econômicas e políticas dos períodos republicano e imperial.

É importante mencionar que os sistemas de denominação monetária romanos passaram por constantes incorporações e fusões. O denário, cuja circulação se fortaleceu a partir da Segunda Guerra Púnica (211 a.C.), representava o equivalente a dez asses de bronze, outra tipologia monetária que já estava em circulação desde o século a.C. (CAMPOS, 2018, p. 374). Destaca-se também o sestércio, uma moeda de prata que correspondia a dois asses e meio. A partir das reformas augustanas, o sestércio passou a ser cunhado em bronze até o século III d.C. Para complementarmos a discussão, apresentamos a tabela 1 sobre os sistemas de medidas e seus componentes metálicos:

Tabela 1⁵ - Denominação das moedas, tipo de metais e valores em asses

Denomination	Metal	Value in asses
aureus	gold	400 (= 25 denarii)
denarius	silver	16
quinarius	silver	8
sestertius	silver	4
as	bronze	1
semis	bronze	½
triens	bronze	⅓
quadrans	bronze	¼
sextans	bronze	⅙
uncia	bronze	⅓

Nesse contexto, é fundamental abordar o processo estrutural e logístico de cunhagem e produção da moeda no contexto romano. A fabricação da moeda passava por várias etapas, sendo a busca pela matéria-prima a primeira delas. Na Antiguidade, a questão da cunhagem está intrinsecamente ligada à disponibilidade, conexão e manipulação dos metais. Isso envolve práticas de mineração, como no caso das minas de Laurion, que abasteciam Atenas com prata e chumbo, ou o ouro proveniente do território macedônico de Krenides. Roma, por sua vez, contava com a riqueza herdada dos gregos e com várias regiões do Império onde os recursos minerais eram extraídos, especialmente na Península Ibérica (HOWGEGO, 2005, p. 24).

De acordo com Howgego (2005, p. 24), as fontes literárias desempenham um papel importante nas investigações sobre a origem dos metais utilizados na cunhagem, os quais podiam ser obtidos de outras formas além da extração das minas. Saques, indenizações, presentes, compras e a fundição de estátuas, coroas, móveis, barras e ornamentos também forneciam quantidades significativas de metais às cidades. Um exemplo disso é a cidade de Corinto, que não possuía minas em seu território, mas realizava o processo de cunhagem. Supõe-se que a cidade obtinha acesso a metais por meio de suas colônias no norte e oeste da Grécia, além de estudos que analisam os isótopos de chumbo das moedas, os quais indicam que Corinto estava utilizando prata proveniente de Atenas (HOWGEGO, 2005, p. 25).

Embora as análises científicas nos ajudem a fornecer pistas sobre a origem dos metais nas cunhagens, Howgego (2005 p.24) ressalta que é necessário ter cuidado na formulação de conclusões mais sólidas. Assim, é mais fácil diferenciar os tipos de metais por meio das

⁵ Material extraído de Clare Rowan (2019, p.4), no livro *From Caesar to Augustus* (c.49 BC-AD 14).

diferentes casas da moeda do que identificar especificamente a origem exata da fonte do metal (HOWGEGO, 2005, p. 24). Para que uma moeda seja colocada em circulação, é necessário ter centros de emissão e fabricação. Na Antiguidade, assim como atualmente, a moeda passava por todo um processo de manipulação, desde a extração do metal até a sua conformação em formato circular. Segundo Howgego (2005, p. 26), a maioria das moedas era produzida a partir de discos metálicos, em que a bigorna marcava a parte superior (reverso) e o cunho definia o lado inferior (anverso).

É possível observar que as casas da moeda existiam em diversos períodos e sociedades na antiguidade. Em Roma, a casa da moeda estava localizada no Capitólio durante a República. Era um longo edifício retangular dividido em dois andares, com vários quartos. Ali, ocorria toda a linha de produção, com funcionários dedicados à fabricação das moedas. De acordo com Howgego (2005, p. 26), os cargos e ocupações sugerem várias funções, como o controle da qualidade das moedas, a verificação do peso, a gravação de matrizes e a contratação e preparação dos metais.

Na maioria dos casos, as casas da moeda da antiguidade produziam moedas exclusivamente para a sua própria cidade. No entanto, há situações particulares em que uma casa da moeda poderia abastecer cidades em outros lugares. Essas semelhanças na cunhagem, muitas vezes sutis, podem ser observadas nas gravuras das matrizes, nas técnicas de fabricação e na metalurgia, conforme apontado por Howgego (2005, p. 28). Para analisar a produção em massa das moedas na Antiguidade, é necessário compreender toda a estrutura organizacional da cunhagem, os períodos de duração e a escala de produção, conforme explicado por Howgego (2005, p. 30). Uma das melhores formas de análise é investigar os moldes das casas da moeda. No período helenístico, os moldes de prata eram datados por mês, o que permitia uma verificação mais detalhada das moedas. Os moldes das casas da moeda convencionais costumavam durar de cinco a sete meses. Em Roma, esse tempo era consideravelmente menor, com estudos estimando que os moldes utilizados para a produção de denários eram descartados em menos de um dia no final da República (HOWGEGO, 2005, p. 31).

Na Antiguidade, as moedas desempenhavam um papel fundamental em diversas esferas da sociedade, participando de contextos políticos, econômicos, sociais, ideológicos e religiosos. Segundo Campos (2018, p.371), as moedas são objetos que possuem um alto nível de interação social, pois estabelecem uma conexão entre as estruturas que ligam tanto o indivíduo quanto a sociedade. Além disso, as moedas desempenham um papel na construção da identidade de um povo, uma vez que os símbolos e inscrições presentes nessas peças refletem a visão de mundo das diversas dinâmicas sociais presentes na sociedade.

Como resultado disso, as moedas romanas adquiriram características modernas, uma vez que eram utilizadas em uma vasta região e emitidas de forma controlada pela autoridade monetária unificada. Alguns chegam a comparar essa dinâmica monetária romana com o que acontece com o dólar e o euro (CARLAN; FUNARI, 2012, p.51). É evidente que as moedas romanas tiveram uma ampla disseminação no Império Romano, permeando diversos campos, classes, interesses, ideias, conquistas, objetivos e finalidades. É papel do numismata, seja ele arqueólogo, historiador ou pesquisador, examinar as múltiplas leituras que esses objetos, as moedas, podem oferecer. É necessário extrair dessas leituras significados que devem ser contextualizados, interpretados e decodificados, a fim de compreender como as moedas eram vistas, sentidas e utilizadas pelos diversos objetos de pesquisa.

Em resumo, é fundamental problematizar o artefato da moeda, buscando extrair informações que respondam e até contestem as análises que atendem aos nossos objetivos de esclarecimento, não apenas sobre as sociedades antigas, mas também sobre nossas próprias indagações e cenários atuais.

3 - AS REPRESENTAÇÕES DO *PRINCEPS* AUGUSTO NO MHN: UMA ANÁLISE ICONOGRÁFICA DA CULTURA MATERIAL

3.1 - Metodologia de Pesquisa:

Para que seja feito o estudo completo das moedas, especialmente aquelas de longa data, como as cunhagens da Antiguidade, é necessário possuir ferramentas metodológicas e teóricas, em conjunto com espaços de saber e memória, a fim de auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Os documentos numismáticos enviados a esses locais passam por procedimentos que ajudam a sistematizar, de forma aplicada, os materiais de pesquisa.

No caso das moedas com as quais trabalhamos, é necessário mencionar uma operação simples de tratamento e classificação conhecida como ficha de registro, ou ficha de identificação do objeto. Nela, reunimos dados e informações sobre o objeto a ser identificado. É importante que essas informações sejam abrangentes, a fim de viabilizar o entendimento da natureza do objeto, sua constituição e o contexto no qual estava inserido. Esses dados são úteis tanto nos museus físicos quanto no espaço virtual, onde são constituídos os metadados. Contudo, em nossa abordagem metodológica de documentação, aprofundamos nossa pesquisa além da ficha de registro e exploramos a ciência da informação contida no processo de catalogação, que consiste, segundo o IBRAM (2019c, p.22):

[...] na compilação e à manutenção de informação essencial, que permite a identificação e a descrição dos objetos...No contexto museológico, a catalogação está associada ao processo de Documentação de coleções, mais exigente do ponto de vista do conhecimento de dados representativos sobre a história dos objetos.

Para realizar a catalogação do acervo em um museu, é necessário determinar quais são os dados que permitem representar um objeto e quais respostas esses dados devem fornecer. Nesse contexto, é fundamental definir o conteúdo de cada item de um registro e nomeá-lo adequadamente.

A catalogação envolve uma etapa de registro do material, na qual é realizada a identificação do objeto, reunindo dados e informações para compreender sua totalidade e o contexto em que o artefato está inserido. Para o IBRAM:

“Segundo o ICOM, a catalogação pode ser entendida como a compilação e a manutenção de informações-chave que identificam e descrevem formalmente os objetos, podendo incluir informações de procedência, dentre outras utilizadas na gestão da respectiva coleção” (IBRAM 2019c, p.23).

A partir das análises conceituais, uma vez compreendidas, é necessário iniciar o trabalho documental do objeto. Esse processo segue a leitura de protocolos e etapas metodológicas de documentação e conservação utilizados pela maioria dos museus.

É importante observar as fichas de catalogação das moedas do MHN (Museu Histórico Nacional), como elas foram preenchidas de acordo com a época, os critérios e etapas que foram estabelecidos. Além disso, utilizamos o conhecimento fornecido pelo material do IBRAM em conjunto com as fichas catalográficas desenvolvidas pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos para o projeto *Base de dados para o repertório sobre a iconografia augustana* (parte 2), em 2021. As análises numismáticas são realizadas em pranchas numeradas que descrevem informações materiais e qualitativas sobre a moeda. Cada prancha contém nove campos de preenchimento, que são divididos em: identificação, imagens contidas na moeda, inscrições contidas na moeda e bibliografia.

No primeiro espaço, são fornecidas informações básicas sobre o tipo da moeda, período e região de circulação. As informações subsequentes da prancha aprofundam a análise iconográfica da peça, abordando primeiramente as imagens presentes no averso e no reverso da moeda. O mesmo acontece com as inscrições registradas nos dois lados da moeda. Todos os campos de registro estão interligados, pois o objetivo da ficha é produzir um registro que reúna informações coesas sobre as possíveis interpretações que a moeda pode fornecer. Por fim, ressalta-se que a análise deve ser embasada em um referencial bibliográfico para validar e conferir credibilidade ao levantamento das informações.

Tabela 2 - Ficha de catalogação de moedas (CAMPOS & ALVES, 2021)

Prancha nº 0:	
<div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 100px;"> Anverso Reverso </div>	
Identificação:	
Moeda/Tipo	
Período	
Região	
Material	
Dimensões	
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	
Reverso	
Inscrições contidas na moeda:	
Anverso	
Reverso	
Referências	

A ficha catalográfica nos traz esse recorte do objeto numismático. A pesquisa conta com correlação dos dados obtidos na prancha e a metodologia numismática de análise do *corpus*. Diante disso, a nossa documentação será os dados obtidos pela Base de Dados para o *Repertório sobre a Iconografia Augustana do Museu Histórico Nacional*, catalogados pelo

Professor Dr. Carlos Eduardo da Costa Campos no projeto de pesquisa *Ensino e Pesquisa em História Antiga: desafios e novas perspectivas sobre iconografia augustana do Museu Histórico Nacional*, entre 2019 e 2021, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Desse modo, nesta pesquisa analisamos o padrão de moedas cunhadas pelo Imperador Augusto na busca da sua *auctoritas*.

3.2 - O Principado de Augusto e a sua legitimidade do poder:

Nascido como Caio Otávio Turino em 63 a.C., Augusto emergiu como uma figura que mudaria o curso da história romana. Após ser adotado postumamente por seu tio-avô, Júlio César, ele herdou grande parte da fortuna e do poder político de César após seu assassinato em 44 a.C. (CAMPOS, 2021, p.11). Augusto começou sua ascensão ao poder em meio à turbulência e instabilidade que se seguiram ao assassinato de César. Ele enfrentou e superou adversários formidáveis, como Marco Antônio e Sexto Pompeu, para se tornar a figura política dominante em Roma. Em 27 a.C., após a vitória na Batalha de Ácio e a subsequente pacificação de Roma, o Senado concedeu a Otávio o título de Augusto, que significa "o venerado", de acordo com Rowan (2019, p.119).

Esse título marcou o início de um novo sistema de governo chamado Principado. Esse sistema representou uma mudança significativa na estrutura política de Roma, permitindo que Augusto mantivesse o controle do poder político e militar, ao mesmo tempo em que preservava a aparência das instituições republicanas (CAMPOS, 2017, p.18; CUNHA, 2020, p.20). Conforme ressaltado por Campos (2021, p.213), o Principado não era uma monarquia no sentido tradicional, mas um sistema híbrido que combinava elementos da República Romana e do governo monárquico. Embora Augusto detivesse o controle supremo, ele era cuidadoso em respeitar as formas e rituais republicanos, incluindo o papel do Senado e das assembleias populares.

Essa combinação de poderes permitiu que Augusto mantivesse um controle firme sobre o governo, ao mesmo tempo, em que evitava a acusação de ser um monarca ou tirano. Ele era o *princeps*, o "primeiro cidadão", e embora detivesse poderes sem precedentes, apresentava-se como um cidadão romano que respeitava as tradições republicanas.

O Principado de Augusto foi marcado não apenas pela sua habilidade política, mas também por uma expansão territorial significativa e por reformas que fortaleceram o Império Romano. Ele incorporou territórios como o Egito, a Hispânia, a Gália e outras regiões ao Império, estabelecendo uma política de fronteiras defensivas que foi mantida por seus

sucessores. Augusto foi uma figura complexa, capaz de equilibrar habilmente o poder e a tradição para criar um sistema de governo que permitiu o florescimento do Império Romano. Sua capacidade de consolidar o *potestas* (poder político) e *auctoritas* (autoridade moral e influência) e estabelecer o principado foi um marco na história romana, com implicações duradouras para o futuro do Império. Em resumo, Augusto deixou um legado profundo, não apenas por suas conquistas militares e expansão territorial, mas também por sua capacidade de governar de forma eficaz e estabelecer um sistema que garantisse a estabilidade e o desenvolvimento do Império Romano.

Os conceitos de *potestas* e *auctoritas* foram fundamentais para a estrutura política romana e desempenharam um papel crucial na consolidação do poder de Augusto. *Potestas* era um termo latino que literalmente se traduz como "poder". Na política romana segundo Campos (2017 p.54), referia-se ao poder legal ou oficial que alguém tinha. Por exemplo, um cônsul romano tinha a *potestas* para governar e fazer leis, um governador provincial tinha a *potestas* para administrar a sua província e um pai tinha a *potestas* sobre sua família.

No caso de Augusto, percebemos uma edificação de sua *potestas* derivada de vários cargos e títulos que ele detinha. Como *princeps*, ele tinha a *potestas* de liderar o Senado e as assembleias populares. Como *imperator*, ele tinha a *potestas* de comandar os exércitos romanos. E como tribuno, ele tinha a *potestas* de propor leis e vetar as decisões do Senado. Esta *potestas* permitiu a Augusto exercer um controle formal e legal sobre a política e os assuntos militares de Roma. Foi essencial para a sua capacidade de governar e para a sua autoridade como líder do Principado. Por outro lado, a *auctoritas* era um tipo de poder mais informal e difuso (CUNHA, 2020, p. 143). Não era um poder legal ou oficial, mas sim um poder baseado em prestígio, influência e respeito. Uma pessoa com *auctoritas* era alguém cujas opiniões e ações eram respeitadas e seguidas, não porque tinha o poder legal de ordená-las, mas porque tinha o respeito e a admiração de seus pares.

Augusto construiu sua *auctoritas* através de uma série de vitórias militares, reformas políticas e sociais, e um programa de propaganda cuidadosamente orquestrado. Ele promoveu-se como o restaurador da República e como o protetor da paz e da prosperidade romanas. Além disso, Augusto cultivou uma imagem semi-divina e foi associado a várias divindades romanas, o que aumentou ainda mais seu prestígio e influência. A *auctoritas* de Augusto era tão grande que ele poderia influenciar o curso dos eventos e a tomada de decisões em Roma, mesmo sem o uso formal de sua *potestas*. Por exemplo, ele podia influenciar as decisões do Senado através de sua presença e opinião, mesmo sem exercer seu poder de veto como tribuno.

A sua *potestas* permitiu-lhe tomar decisões e implementar políticas, enquanto a sua *auctoritas* assegurou que essas políticas fossem aceitas e seguidas. Mesmo quando Augusto tomava decisões impopulares ou controversas, a sua *auctoritas*, combinada com a sua habilidade política, permitia-lhe manter o apoio do Senado, do exército e do povo romano (CAMPOS, 2017 p.56; ROWAN, 2019 p.125). Além disso, a combinação de *potestas* e *auctoritas* permitiu a Augusto preservar a aparência das instituições republicanas, ao mesmo tempo em que detinha um poder real e efetivo. Isso foi crucial para a legitimidade de seu regime, pois permitiu que ele se apresentasse como um defensor das tradições republicanas, apesar de sua autoridade sem precedentes.

Portando, *potestas* e *auctoritas* foram dois elementos fundamentais na consolidação do poder de Augusto. Ambos foram essenciais para o seu governo e para a estabilidade e prosperidade do Principado. Através do estudo desses conceitos, podemos obter uma compreensão mais profunda do governo de Augusto e de seu impacto político, econômico, social e cultural na história romana.

3.3 - Divindades e legitimidade imperial augustana:

Desde os governos da época de Alexandre, as atribuições divinas sempre estiveram presentes na vida e na imagem dos governantes. Nas moedas, isso também acontecia, como o exemplo de Sula, Pompeu e Júlio César, que faziam a ligação, convenientemente, de sua própria figura com um relacionamento divino, no caso, com ênfase em Vênus. Júlio César, como ressalta Howgego (2005, p.78), ainda foi além e representou, nas moedas, Vênus como mãe de sua filha, estabelecendo assim um elo a mais do que uma afinidade, uma vez que o parentesco estabelece uma conexão ancestral.

Dentro do jogo político romano, Júlio César não foi o único a traçar elos de parentesco com as divindades. Otaviano e Pompeu também se diziam ligados aos deuses, como no caso de Pompeu, que reivindicava seu parentesco paterno com Netuno, representado nas moedas pela inscrição *NEPTVNI* (HOWGEGO, 2005, p.78). No período republicano, tal prática ficou entre parênteses. O status de divino ou de ligação com os deuses passou a ser concedido a imperadores mortos, rompendo com a hereditariedade dos vivos.

Mediante as diversas relações entre o poder instituído romano e a recorrência das divindades nas cunhagens numismáticas, observamos a construção de uma narrativa de

poder. Segundo Howgego (2005, p.81), o Imperador Augusto buscava, por meio das moedas, estabelecer uma legitimidade imperial ancorada em seu vínculo com as divindades. No acervo do Museu Histórico Nacional, notamos a presença frequente de três divindades - Apolo, Vitória e Marte - com esse tema discursivo.

Identificamos um total de sete moedas de acordo com a proposta, sendo três delas com referência à deusa Vitória, duas ao deus Marte e duas à divindade Apolo. Os tipos de moedas que encontramos relacionadas a esse tema são: quatro denários, três quinários e um sestércio, todas produzidas em prata. Estima-se que as moedas tenham sido cunhadas entre 29 e 10 a.C., período de consolidação do Principado de Augusto.

Destacamos, em primeiro lugar, as moedas de número 1 e 2, que são semelhantes. Provavelmente cunhadas em Roma⁶, 29-28 a.C., apresentam no anverso a imagem do busto nu de Augusto voltado para a direita. No anverso, também é possível encontrar a legenda *CAESAR IMP VII* - César Augusto imperador pela sétima vez. No reverso, observamos a figura de Vitória flanqueada por duas cobras e segurando uma coroa e uma palma sobre uma cista mística (possivelmente atribuída a Baco). A inscrição do reverso traz a grafia *ASIA RECEPTA* - Ásia recuperada. A cista mística, símbolo da Ásia proconsular, está representada como sendo recuperada por Augusto, conforme indicado na inscrição. Vale ressaltar que todas as moedas de prata cunhadas no distrito da Ásia possuem a mesma representação da cista, sendo referidas como cistóforos.

⁶ Roma estava situada no centro da Península Itálica e foi a cidade de onde partiu todo desenvolvimento do Império Romano. Ela fica localizada no vale do rio Tibre, em uma profunda depressão, com 1 a 3 km de largura, cortada no solo macio de tufo da bacia inferior do rio. As bordas da depressão são formadas por penhascos íngremes e erodidos, separados e até isolados por afluentes. Dessa forma, as colinas de Roma foram formadas: o Celio, Opio, Esquilino, Viminal e Quirinal eram penhascos com topo plano, enquanto o Capitolino, Palatino e Aventino foram separados do interior principal. No próprio leito do vale, o rio serpenteia em uma curva em forma de S, a torção norte contendo o Campo de Marte e a curva sul contornando o Capitolino, o fórum Boário e o Aventino, uma planície menor aos pés da colina Janículo. Informações disponíveis em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-5609>. Acessado em: 10/04/23.



Figura 2. Tipo de moeda: Denário - Prata; Período 29-28 AEC; Região: Roma. Referência: BABELON, vol.2, p.61, n:145; COHEN, vol.1, p.64, n:14; RIAMHN, n:29; SEAR, p.302, n:1568⁷.



Figura 3. Tipo de moeda: Denário - Prata; Período 29-28 AEC; Região: Roma. Referência: BABELON, vol.2, p.61, n:145; COHEN, vol.1, p.64, n:14; RIAMHN, n:30; SEAR, p.302, n:1568.⁸

Acrescentamos a moeda de número 3, registrada como um Sestércio, feito de bronze e cunhado por volta de 10-14 a.C. No anverso, encontramos novamente o busto nu laureado de Augusto, virado para a direita. A legenda presente no anverso é *CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER. PATRIAE / CAESAR AVGVSTVS DIVI FILIVS PATER PATRIAE* - César Augusto, filho de um deus, pai da pátria.

⁷ Vide ficha 1, p. 44, no apêndice A.

⁸ Vide ficha 2, p. 46, no apêndice A.



Figura 4. Tipo de moeda: Sestércio - Prata; Período 10-14 AEC; Região: Lugduno. Referência: COHEN, vol.1, p.95, n:237; SEAR, p.326, n:1657; RIAMHN, n:64; RIC 231 A; BMCRE 565.⁹

No reverso, temos a representação de um altar ornamentado com figuras, situado entre duas colunas e com estátuas da deusa Vitória no topo delas. De acordo com David Sear (2000, p. 326), essa figura no reverso retrata o altar do culto de Roma e Augusto em Lugduno¹⁰, com as duas colunas e as estátuas da deusa Vitória no topo. Esse altar foi dedicado por Augusto em 1º de agosto de 10 a.C. A série inicial de moedas de bronze com a representação desse altar foi cunhada por cerca de três ou quatro anos. Posteriormente, foi introduzida uma série que incluía o nome do herdeiro de Augusto, Tibério, a partir de 10 d.C., e sua produção continuou até o fim do principado. A inscrição presente no reverso é *ROM. ET AVG. / ROMAE ET AVGVSTO* - À Roma e a Augusto.

Seguindo adiante, na peça de número 4, temos um Denário, originário da região de Roma, feito de prata por volta de 16 a.C. No anverso, repete-se o padrão do busto laureado de Augusto voltado para a direita. No reverso, observamos a Estátua de Marte de frente, olhando para a esquerda, sobre um pedestal com a inscrição *S.P.Q.R. V. P. R.R.E. CAES / Senatus Populusque Romanus Pro Reditu Caesari* - Senado e Povo Romano pelo retorno seguro de César. Marte segura uma lança na mão direita e um *parazonium* na esquerda. No entorno, podemos ler *L MESCINIUS RVFVS / Lucius Mescinius Rufus* - Lúcio Mescínio Rufo, que é o

⁹ Vide ficha 5, p. 52, no apêndice A.

¹⁰A *Colonia Copia Claudia Augusta Lugdunum* (atual Lyon), foi fundada em 43 a.C. por L. Munatius Plancus, e até meados do século III foi a metrópole do noroeste do Império Romano. A sua localização fez com que se tornasse: o ponto nodal do sistema de estradas gaulesas de Agripa; a capital da província de Lugdunensis (ver gália (transalpina)); o centro religioso, administrativo, financeiro e comercial das Três Gálias e das Germânicas; e a residência e local de nascimento de imperadores. A cidade abrigava uma filial da casa da moeda imperial. A grande e cosmopolita população da cidade adorava muitas divindades, incluindo aquelas trazidas do oriente. Informações disponíveis em:

<https://oxfordre.com/classics/display/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-3792?rskey=P1XTCM&result=1> Acessado em 10/04/23.

nome do triúviro monetário responsável pela cunhagem da moeda. A moeda é dedicada a César Augusto e a motivação discursiva dessa moeda transparece como um voto seguro para Augusto em seu retorno, provavelmente devido a uma campanha militar bem-sucedida ou uma viagem segura ao exterior.



Figura 5. Tipo de moeda: Denário - Prata; Período 16 AEC; Região: Roma. Referência: COHEN, vol.1, p.129, n:463; RIAMHN, n:50; SEAR, p.320, n:1616.¹¹

A peça de número 5 é composta por um Denário, originário da Colônia Patrícia¹² (atual Córdoba – Espanha), datado de 18 a.C. e feito de prata. No anverso da moeda, podemos observar o busto de Augusto virado para a direita, com a inscrição *CESARI AVGVSTO* - César Augusto. No reverso, podemos observar um templo com uma cúpula e seis colunas, dedicado ao deus Marte Vingador (*VLTOR*). O templo está representado com três estandartes, sendo que o estandarte central é uma águia legionária. A inscrição no reverso é *MAR VLT* - Marte Vingador.

¹¹ Vide ficha 3, p. 48, no apêndice A.

¹² A colônia foi uma cidade ibérica foi refundada pelos romanos em 206 a.C. Tanto Sêneca, o Velho, quanto Sêneca, o Jovem, eram supostamente dessa cidade, juntamente com o poeta romano Lucano. A cidade serviu como um importante centro bizantino antes de ser conquistada pelos visigodos no século VI d.C. Informações disponíveis em: <https://www.britishmuseum.org/collection/term/x51283> Acessado em: 10/04/23.



Figura 6. Tipo de moeda: Denário - Prata; Período 18 AEC; Região: Colônia Patrícia. Referência: COHEN, vol.1, p.89, n:190; RIAMHN, n:38; SEAR, p.321, n:1623.¹³

Por fim, discorremos sobre as peças 6 e 7 do tipo Denário, região Lugduno, feitas de prata por volta de 15-13 AEC. No anverso temos a recorrência do Busto de Augusto virado para a direita com a seguinte inscrição *AVGVSTVS DIVI. F / AVGVSTVS DIVI FILIVS*) - Augusto, filho de um deus. Já no reverso a divindade de Apolo Ácio de pé virado para a esquerda, portando um *plectrum* na mão direita e uma lira na esquerda com as abreviações *IMP XACT / IMPERATOR XACTIVM* - Imperador pela décima vez e Ácio, inscrito no exergo. Moeda é referente a vitória de Augusto sob Antônio e Cleópatra, na Batalha do Ácio. O discurso contido na moeda relembra aos cidadãos romanos a longevidade do seu governo e vincula-se à figura de Apolo. Augusto se utilizou dessa linguagem imagética e escrita para demonstrar o restabelecimento da ordem social.

¹³ Vide ficha 6, p. 54, no apêndice A.



Figura 7. Tipo de moeda: Denário - Prata; Período 15-13 AEC; Região: Lugduno. Referência: COHEN, vol.1, p.89, n:190; RIAMHN, n:51; SEAR, p.319, n:1611.¹⁴



Figura 8. Tipo de moeda: Denário - Prata; Período 15-13 AEC; Região: Lugduno. Referência: COHEN, vol.1, p.84, n:144; RIAMHN, n:52; SEAR, p.319, n:1611.¹⁵

O poder não era imposto apenas através do exercício da força; a moeda romana transmitia conexões iconográficas com a população. O carisma, a moralidade, os poderes e o cuidado com o povo eram elementos importantes e fundamentais na linguagem numismática. A moeda fazia parte de uma narrativa, criando canais de comunicação e receptação entre a sociedade e o poder instituído. Assim como havia preocupação com a autoridade do imperador, o mesmo se aplicava ao tratamento do futuro sucessor.

A sucessão imperial era cuidadosamente divulgada por meio das moedas. As moedas imperiais mostravam Augusto em um lado e Agripa no outro, dando peso ao retrato do sucessor ao ser compartilhado na mesma moeda com o retrato do imperador. A cunhagem era uma

¹⁴ Vide ficha 4, p. 50, no apêndice A.

¹⁵ Vide ficha 7, p. 56, no apêndice A.

expressão da vontade do imperador. Por exemplo, Cláudio, em vez de retratar seu filho mais novo *Britannicus*, optou por representar Nero nas moedas, seu filho adotivo e futuro sucessor mais novo (HOWGEGO 2005 p.81).

Em uma iconografia posterior, os retratos deram lugar a símbolos e inscrições específicas que indicavam a sucessão de um novo líder:

Tito recebeu um globo de Vespasiano *PROVIDENT AVGUST*. Nerva recebeu o gênio do Senado *PROVIDENTIA SENATVS* (RIC 90); Adriano recebeu de Trajano (RIC 2) e também de Júpiter (RIC 109) uma águia trazida a ele num cetro pela providência dos deuses (*PROVIDENTIA DEORVM*) (HOWGEGO 2005 p.82)

Outro tema difundido nas moedas é a questão do poder imperial. De acordo com Howgego (2005, p.82), "as moedas não apenas expressavam os direitos dos indivíduos de governar os romanos, mas também o direito dos romanos de governar o mundo". A submissão dos derrotados e as glórias das conquistas eram representadas nas moedas. Povos e regiões eram retratados como derrotados, com os reis ajoelhados diante da grandeza dos romanos. As moedas retratavam bem esse cenário de vitória, um sentimento que penetrava no cerne da sociedade romana, colocando-os em um patamar de superioridade sobre os demais. A iconografia romana explorava o conceito de domínio mundial, representando um globo que simbolizava o controle romano sobre o mundo inteiro, tanto por mar como por terra. Os romanos acreditavam ter o direito e a missão de governar.

No período imperial, as inscrições e a figura do imperador desempenhavam um papel vital na composição do regime. Ao contrário do período republicano, em que as moedas muitas vezes eram produzidas e destinadas para atender aos desejos de uma elite, no Império essa lógica era diferente. Afinal, a moeda passou a ter um caráter mais abrangente e centralizado. Ela deixou de ser exclusiva e se tornou padronizada, tornando-se assim mais acessível (HOWGEGO, 2005, p.75).

O material numismático imperial seguia uma linguagem própria, de acordo com a ideologia imperial. Conforme Howgego (2005, p.75), as características mais marcantes no corpo iconográfico eram as abreviações tanto da imagem quanto da inscrição, com o objetivo de transmitir o maior número possível de informações na moeda.

As moedas, como mencionado anteriormente, eram um reflexo das vontades dos governantes e tinham influência tanto na vida pública quanto na vida privada. Além do conteúdo iconográfico, os jargões políticos também estavam presentes nas moedas. Um

exemplo disso é o caso de Augusto, que era conhecido por promover a libertação. Conforme destacado por Howgego (2005, p.76), ele era considerado "um campeão da liberdade do povo romano", o que foi transcrito para as moedas em 28 a.C. (*LIBERTATIS P(OPULI) R(OMANI) VMEDEX*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar o diálogo e a interação entre os estudos numismáticos, históricos, arqueológicos e museológicos. Em particular, destaco o papel e a importância do Museu Histórico Nacional, que permitiu, por meio de seu acervo, a democratização e a interação com o patrimônio. Através do exame atento das moedas e medalhas armazenadas nessa instituição, é possível extrair informações valiosas sobre acultura, a arte, a economia, a política e até mesmo a religião de diferentes períodos históricos e regiões.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar a magnitude do acervo numismático do Museu Histórico Nacional, o maior da América Latina. Isso só foi e é possível graças à valorização e conservação do patrimônio, resultado do empenho, luta e dedicação de diferentes entidades e instâncias públicas, bem como dos profissionais, técnicos, acadêmicos e da sociedade civil que preservam e dão vida a esses objetos históricos. Além disso, vale destacar que o MHN desempenha um papel crucial na disseminação do conhecimento numismático. Através do incentivo ao desenvolvimento de publicações e programas educacionais, ele torna o campo da numismática acessível a um público mais amplo, não apenas a acadêmicos e colecionadores. Dessa forma, contribui para promover uma apreciação mais profunda do nosso patrimônio histórico e cultural.

Nesse contexto, é necessário trazer também a perspectiva do pesquisador e seu olhar em relação à importância do patrimônio para a sociedade. Ao compartilhar minhas descobertas e conhecimentos, contribuo para construir uma ponte entre os museus e a sociedade em geral, tornando a história acessível e relevante para todos. A pesquisa não tem a intenção de apenas investigar o passado e o patrimônio, mas sim disseminar o conhecimento e contribuir para a valorização do patrimônio numismático, incentivando políticas de preservação e destacando a importância desses artefatos para nossa compreensão do passado. Nesse sentido, a parceria com o MHN é indispensável na construção do conhecimento patrimonial. Ele oferece acesso a coleções extensas e diversificadas, que são verdadeiros tesouros para a pesquisa numismática. Através do exame minucioso dessas coleções, é possível obter informações que revelam novos aspectos da nossa história, enriquecendo ainda mais nosso entendimento do passado.

Ademais, ao pensar sobre o processo de elaboração e sistematização do conhecimento no campo da numismática, não podemos deixar de mencionar a importância da catalogação. A catalogação é essencial para a organização e gestão de coleções numismáticas, seja em um

ambiente museológico ou em uma coleção particular. O trabalho se utilizou metodologias específicas para organizar as informações, considerando as características individuais de cada moeda como material, condição, contexto e intencionalidade. Essas informações devem ser claramente identificadas e documentadas. A catalogação permite não apenas o armazenamento eficiente dessas informações, mas também contribui para o avanço do conhecimento numismático. Ela desempenha um papel crucial na realização de pesquisas nessa área. Um catálogo bem organizado e completo fornece uma base sólida para o estudo das moedas, permitindo que os pesquisadores acessem rapidamente informações detalhadas sobre cada peça. Ao documentar sistematicamente cada moeda, é possível identificar padrões, identificar raridades e descobrir novos elementos que vão além da numismática, uma vez que as moedas são portais para compreender toda a complexidade do passado. Portanto, esse esforço nos permitiu estabelecer, de forma detalhada, um paralelo comparativo entre a imagem do imperador Augusto e sua busca por legitimação por meio do uso de divindades nas moedas.

Ao longo de nossas reflexões, acrescentamos que as moedas augustanas são mais do que meros registros do seu reinado. Elas são testemunhas tangíveis da época em que Augusto transformou a República Romana em Império e trazem uma riqueza de informações que nos permitem entender melhor a sociedade romana e sua história. Elas retratam uma variedade de imagens e inscrições que proporcionam uma visão clara das políticas e ideologias de Augusto. O estudo dessas moedas nos permite compreender a narrativa que Augusto desejava construir sobre seu governo e como ele utilizou a moeda como uma ferramenta de propaganda política.

A análise das moedas de Augusto também desenvolve habilidades perspicazes de pesquisa e pensamento crítico, uma vez que sua identificação e catalogação exigem uma compreensão profunda do período e do contexto histórico. Essas moedas são recursos pedagógicos valiosos que podem ser utilizados para ensinar sobre a história romana, a numismática e até mesmo a política. Além disso, elas podem inspirar os alunos a se envolverem mais ativamente no estudo da história, uma vez que proporcionam uma conexão tangível com o passado.

Em suma, concluímos que o estudo das moedas do Imperador Augusto em paralelo com a compreensão e valorização do patrimônio tem sido crucial para minha formação, e acredito que essa conexão tem muito a oferecer a outros professores e pesquisadores. As moedas são uma janela valiosa para o passado e um recurso incrível para a educação e a pesquisa.

REFERÊNCIAS:

Documentação:

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa; ALVES, Leonardo Arguello. **Base de Dados para o Repertório sobre a Iconografia Augustana do Museu Histórico Nacional - Parte 2. RIAMHN**. Relatório Final entregue via Sigproj – UFMS para prestação de consta da Bolsa PIBIC / CNPQ / UFMS. 2021 (Circulação Restrita).

COHEN, H. **Description historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain**. VoL. 1. Paris: Chez MM. Rollin Feuardent, 1880.

SEAR, David R. **Roman coins and their values: The millennium edition**. Vol. I. London: Spink, 2000.

SUTHERLAND, C.H.V. **The Roman Imperial Coinage**. Vol., I, revised edition, from 31 BC to AD 69. London: Spink, 1984.

Bibliográficas:

AYRES, Gisele Oliveira Barbosa. **Quando o divino celebra o humano: religião, política e poder nas moedas republicanas romanas (139-83 AEC)**. 2017. 2 v. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ARANHA, Paula de Jesus Moura. **A representação simbólica da ninfa Aretusa nas cunhagens de Siracusa como fator de identificação no século V a.C.: as emissões da Dinastia Deinomenide**. 2016. 175 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ARANHA E HERINGER; Paula Moura e Pedro Colares. **Análise das cunhagens do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves a coleção do Museu Histórico Nacional**. Revista Tempo Amazônico. v.3, n.1, júlio-dezembro, p.128-158, 2015

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **Otávio Augusto e as suas redes político-religiosas nos *quattuor amplissima collegia sacerdotum romanorum* (29 AEC – 14 EC)**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2017.

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. **O princeps Augusto e a sua trajetória no poder romano: considerações sobre o poder de imperium e a tribunicia potestas (I AEC – I EC)**. *De Rebus Antiquis*, [S.l.], n. 10, p. 205-223, dic. 2021. ISSN 2250-4923.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Arqueologia e Numismática: a História Antiga e a Cultura Material**. Agenda Social v.4, n.1, jan-abril /2010, p.22-36, 1981-9862.

CARLAN, Claudio; FUNARI, Pedro **MOEDAS: A Numismática e o estudo da História**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2012.

CARLAN, Claudio Umpierre. **Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação**. 2007. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu**. Chapecó: Argos, 2006.

CHAGAS, Mário. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

CRAWFORD, Michael. Coinage, Roman. **Oxford Classical Dictionary**. 30 Jul. 2015.

Disponível em:

<https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-1719>. Accessed 10 Jun. 2023.

DEL PRIORE, Mary. A grande história das pequenas coisas. In: NAZARETH, Otávio; TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (org). **Museu Histórico Nacional**. São Paulo. Olhares, 2013. p.127-128.

FLAMARION, Ciro. **NOVOS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA** 1 ed. São Paulo: Elsevier Editora Ltda, 2012.

FUNARI, P. P. A.; GARRAFFONI, R. S. **História Antiga na sala de aula**. Coleção Textos Didáticos, n. 51, 2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Uma morfologia da História: as formas da História Antiga. **Politeia - História e Sociedade**, Vitória da Conquista, BA: Uesb, v. 3, n. 1, 2003.

HOWGEGO, Christopher. **Ancient History From Coins**. London. Routledge,1995.

IBRAM. **Curso de documentação de acervo museológico**, módulo 1, 2019a (circulação restrita)

IBRAM. **Curso de documentação de acervo museológico**, módulo 2, 2019b (circulação restrita)

IBRAM. **Curso de documentação de acervo museológico**, módulo 3, 2019c (circulação restrita)

KALINA. Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MAGALHÃES, Maricé Martins. **Moedas Gregas na coleção do Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro e as primeiras amoedações da Ásia Menor**. Nearco (Rio de Janeiro), v. II, p. 147-159, 2011.

MAGALHÃES, Maricé Martins. **SYLLOGE NVMMORVM ROMANORVM BRASIL I**. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. **A CULTURA MATERIAL NO ESTUDO DAS SOCIEDADES ANTIGAS**. Revista de História, n. 115, 1983, p. 103- 117.

NAZARETH, Otávio; TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (org). **Museu Histórico Nacional**. São Paulo. Olhares, 2013.

REDE, Marcelo. História e Cultura Material. In: FLAMARION, Ciro. **NOVOS DOMÍNIOS DA HISTÓRIA** 1 ed. São Paulo: Elsevier Editora Ltda, 2012, p. 133-150.

WATSON, Patty Jo; LEBLANC, Steven A.; REDMAN, Charles L. **EXPLANATION IN ARCHAEOLOGY. AN EXPLICITLY SCIENTIFIC APPROACH**. Nova York: Columbia University Press, 1971.

ROWAN, Clare. **From Caesar to Augustus (49 BC-AD14): Using Coins as Sources (Guides to the Coinage of the Ancient World)**. Cambridge University Press, 2018.

RUTTER, K. Coinage, Greek. **Oxford Classical Dictionary**. 2015. Disponível em: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-1718> Acessado em 10/06/23.

SEAR, David R. **Roman Coins and Their Values**. Volume I. The Republic and The Twelve Caesars 280 BC - AD 96-Spink and Son Ltd, 2000.

SILVA, Glaydson José da. **História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. Apresentação. In: NAZARETH, Otávio; TOSTES, Vera Lúcia Bottrel (org). **Museu Histórico Nacional**. São Paulo. Olhares, 2013. p.15.

APÊNDICE A: CATÁLOGO NUMISMÁTICO

Ficha 1:



Anverso



Reverso

Identificação

Moeda /Tipo:	Quinário
Período	29-28 AEC
Região	Roma (na atual Itália)
Material	Prata
Dimensões	Comprimento (mm) 13,1 mm largura (mm) 13,6 mm Peso (g) 1,42 g
Recorrência	
Imagens contidas na moeda:	
Anverso	Busto nu de Augusto para a direita.
Reverso	Vitória flanqueada por duas cobras e segurando uma coroa e uma palma sobre um cisto místico.
Inscrições contidas na moeda:	

Anverso	<i>CAESAR IMP (VII)</i>
Reverso	<i>ASIA RECEPTA</i>
Referências	BABELON, vol.2, p.61, n:145; COHEN, vol.1, p.64, n:14; RIAMHN, n:29; SEAR, p.302, n:1568.

Ficha 2:**Anverso****Reverso****Identificação**

Moeda /Tipo:	Quinário
Período	29-28 AEC
Região	Roma (na atual Itália)
Material	Prata
Dimensões	Comprimento (mm) 14,4 mm largura (mm) 14,6 mm Peso (g) 1,66 g
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto nu de Augusto para a direita.
Reverso	Vitória flanqueada por duas cobras e segurando uma coroa e uma palma sobre um cisto místico (possivelmente atributo de Baco).

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>CAESAR IMP VII</i>
----------------	-----------------------

Reverso	<i>ASIA RECEPTA</i>
Referências	BABELON, vol.2, p.61, n:145; COHEN, vol.1, p.64, n:14; RIAMHN, n:30; SEAR, p.302, n:1568.

Ficha 3:**Anverso****Reverso****Identificação**

Moeda /Tipo:	Denário
Período	16 AEC
Região	Roma (na atual Itália)
Material	Prata
Dimensões	Comprimento (mm) 18 mm largura (mm) 19 mm Peso (g) 3,78 g
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto laureado de Augusto para a direita.
Reverso	Estátua de Marte de frente olhando para a esquerda sobre um pedestal com inscrição <i>S.P.Q.R. V. P. R.R.E. CAES</i> . Há uma lança na mão direita e um parazonio na esquerda.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	Sem inscrição
Reverso	<i>L. MESCINIVS RVFVS</i> <i>S.P.Q.R. V. P. R.R.E. CAES</i>

Referências

COHEN, vol.1, p.129, n:463; RIAMHN, n:50; SEAR, p.320, n:1616.

Ficha 4:**Anverso****Reverso****Identificação**

Moeda /Tipo:	Denário
Período	15-13 AEC
Região	Lugduno (atual Lyon – França)
Material	Prata
Dimensões	Comprimento (mm) 17,9 mm largura (mm) 19,3 m Peso (g) 3,74 g
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto de Augusto virado para a direita.
Reverso	Apolo Ácio de pé virado para a esquerda, portando um plectrum na mão direita e uma lira na esquerda.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>AVGVSTVS DIVI. F</i>
----------------	-------------------------

Reverso	<i>IMP X ACT</i>
Referências	COHEN, vol.1, p.84, n:144; RIAMHN, n:51; SEAR, p.319, n:1611.

Ficha 5:**Anverso****Reverso****Identificação****Moeda /Tipo:**

Sestércio

Período

10-14 EC

Região

Lugduno (atual Lyon – França)

Material

Bronze

Dimensões**Comprimento (mm)** 25,3 mm **largura (mm)** 26 mm **Peso (g)** 10,83**Recorrência****Imagens contidas na moeda:****Anverso**

Cabeça de Augusto laureada virado para a direita

Reverso

Altar ornamentado com figuras, entre duas colunas e com estátuas da deusa Vitória no topo delas.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER. PATRIAE</i>
Reverso	<i>ROM. ET AVG.</i>
Referências	COHEN, vol.1, p.95, n:237; RIAMHN, n:64; SEAR, p.326, n:1657.

Ficha 6:**Anverso****Reverso****Identificação**

Moeda /Tipo:	Denário
Período	18 AEC
Região	Colônia Patrícia (atual Córdoba – Espanha)
Material	Prata
Dimensões	Comprimento (mm) 16,8 mm largura (mm) 19 mm Peso (g) 3,61 g
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Cabeça de Augusto laureado para a direita.
Reverso	Templo com domo e seis colunas dedicado ao deus Marte Vingador (VLTOR), com três estandartes cujo o do meio é uma águia legionária.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>CAESARI AVGVSTO</i>
Reverso	<i>MAR VLT</i>

Referências

COHEN, vol.1, p.89, n:190; RIAMHN, n:38; SEAR, p.321, n:1623.

Ficha 7:**Anverso****Reverso****Identificação**

Moeda /Tipo:	Denário
Período	15-13 AEC
Região	Lugduno (atual Lyon – França)
Material	Prata
Dimensões	Comprimento (mm) 16,8 mm largura (mm) 18,4 mm Peso (g) 3,55 g
Recorrência	

Imagens contidas na moeda:

Anverso	Busto de Augusto virado para a direita.
Reverso	Simulacro de Apolo Ácio de pé virado para a esquerda, portando um <i>plectrum</i> na mão direita e uma lira na esquerda.

Inscrições contidas na moeda:

Anverso	<i>AVGVSTVS DIVI. F</i>
Reverso	<i>IMP XACT</i>

Referências	COHEN, vol.1, p.84, n:144; RIAMHN, n:52; SEAR, p.319, n:1611.
--------------------	---